

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

JÉSUS, Louis-Marie de
*Santa Teresa do Menino Jesus
e o seu tempo
O Carmelo francês do séc. XIX*

HÜBER, Marie T.
*Santidade ao alcance da mão
Miséria e Misericórdia*

VECHINA, Jeremias Carlos
Teresa do Menino Jesus e a sua família

ESGUERRA, Helena
*Releitura da Vita Consecrata
à luz de Santa Teresinha*

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| ALPOIM ALVES PORTUGAL | |
| « <i>Sede santos</i> » | 3 |
| LOUIS MARIE DE JÉSUS | |
| <i>Santa Teresa do Menino Jesus e o seu tempo</i> <i>(O Carmelo francês do século XIX)</i> | 5 |
| MARIE T. HÜBER | |
| <i>Santidade ao alcance da mão</i> <i>Miséria e Misericórdia</i> | 21 |
| JEREMIAS CARLOS VECHINA | |
| <i>Teresa do Menino Jesus e a sua família</i> | 31 |
| HELENA ESGUERRA | |
| <i>Releitura da Vita Consecrata</i> <i>à luz de Santa Teresinha</i> | 49 |

NÚMERO 17

Janeiro - Março 1997

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal
Centro de Espiritualidade
4630 AVESSADAS

☎ 055.534207 – Fax 534289

Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Mário da Glória Vaz
P. Pedro Lourenço Ferreira

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
2780 PAÇO DE ARCOS

☎ – Fax 01.4433706

| | |
|-------------------------------|------------|
| Assinatura Anual (1997) | 2.850\$00 |
| Espanha | Ptas 2.700 |
| Estrangeiro | USA \$ 35 |
| Número avulso | 800\$00 |

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

«SEDE SANTOS»

ALPOIM ALVES PORTUGAL

«Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6, 36), «sede, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste» (Mt 5, 48). «Que faria, que seria de mim, se me apoiasse sobre as minhas próprias forças?... Reconheço que, sem Ele, teria podido cair muito baixo, como Madalena... Tu, ó Jesus, serás a minha santidade» (Santa Teresinha).

Que perfeitamente incarnou em si este ideal a Santa de Lisieux, Teresa do Menino Jesus e da Santa Face! Que bem soube ela descobrir o Deus escondido, misterioso, o ser perfeito, o insondável e infinitamente misericordioso! «*Ela que era tão simples, se soubésseis!...*», como exclamava um dia a sua irmã Paulina, então Madre Inês de Jesus, quando contemplava, desde o seu carmelo de Lisieux, a formosa e grande basílica que se erguia à sua frente.

Todos a qualificam como uma alma humilde, esquecida de si mesma, fascinada pelo seu Deus e absolutamente toda entregue ao Amor misericordioso, pois que a Ele se ofereceu. Nada há debaixo da terra mais simples e cristalino! Com que brandura confia e se abandona a um Deus que nem sempre viu ou sentiu claramente (sofreu a terrível prova da fé: «*sentada à mesa dos pecadores, comia do seu próprio pão, o pão*

dos ateus: nunca pensei que fosse possível não acreditar em Deus!»! Com que graça a vemos, no meio das maiores provas e de terríveis sofrimentos (a tuberculose que lhe minava os pulmões), sempre a sorrir, a animar mais as suas Irmãs do que ela própria era animada: não o necessitava, pois gozava abundantemente da graça do Céu, no meio do seu contínuo pôr em prática as virtudes heróicas da mortificação e da renúncia que os seus dias lhe proporcionavam! «*O amor prova-se com as obras*».

Uma santa que já nasceu assim, ou uma santa que se foi forjando no crisol do seu dia a dia? Mais bem o segundo, se olharmos com atenção para o que foi a sua vida toda; vida breve, apenas vinte e quatro anos: quinze no seio da sua família e nove dentro das quatro paredes de um convento tendo passado os últimos dois meses e meio numa cama de enfermaria, com sofrimentos atrozes.

Neste ano do primeiro Centenário da morte de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face (02.07.1873 - 30.09.1897), queremos, com este número 17 da nossa *Revista de Espiritualidade*, continuar a conhecer a sua pessoa e a aprofundar na sua espiritualidade e doutrina. Por isso continuamos a apresentar, em primeiro lugar, os dados históricos, o ambiente em que se moveu, muito concretamente *a vida dos carmelos de França e o seu Carmelo de Lisieux*, no artigo (continuação) de Louis-Marie de Jésus; depois Marie T. Hüber demonstrar-nos-á como a santidade, em Teresa, tem uma particularidade muito concreta, quer dizer, significa o *dar das mãos da Misericórdia de Deus com a Miséria do homem*; o Pe. Jeremias Carlos Vechina apresenta-nos a família de Teresa, aquela que a viu nascer, crescer e entrar no Carmelo, concluindo que, *Teresa desperta num mundo de santidade...* mas isto é apenas um sinal, *sinal eficaz... de uma realidade que é ao mesmo tempo superior e inerente a ela*; finalmente, a irmã carmelita descalça, Helena Esguerra faz uma leitura muito cuidada da carta Apostólica *Vita Consecrata* à luz da vida de Santa Teresinha.

SANTA TERESA DO MENINO JESUS E O SEU TEMPO

(O Carmelo francês do século XIX)*

LOUIS-MARIE DE JÉSUS, O.C.D.

A segunda parte do estudo sobre o *tempo em que Santa Teresa do Menino Jesus viveu*, será mais breve. Vamos dedicá-la ao Carmelo francês do século XIX em geral e ao Carmelo de Lisieux em particular. Teremos, simplesmente, duas secções, apresentando cada uma delas dois panoramas diferentes e complementares.

O Carmelo de França em geral

Precisamos de fazer, em primeiro lugar, um voo histórico rápido sobre o período que precedeu o século XIX.

A introdução da Reforma teresiana em França data de 1604. Naquela ano, e depois de longas e difíceis discussões, seis filhas de

* Segunda parte da conferência proferida no dia 13 de Março de 1995 durante um «Curso intensivo» organizado pelos Carmelitas Descalços, em Lisieux, como preparação para o Centenário teresiano, publicada pela revista *Vie Thérésienne*, nº 143, pp. 29-42 (Lisieux 1996) e que traduzimos com a devida vénia.

Santa Teresa de Ávila chegam a Paris para fundar um mosteiro. Entre as «Madres espanholas» encontram-se duas fiéis companheiras da Santa que partilharam da sua intimidade: a Madre Ana de Jesus (nomeada para chefiar o pequeno grupo) e a humilde Ana de S. Bartolomeu. O futuro Cardeal de Bérulle e D. Acarie (aquela que viria a ser a Bem-aventurada Maria da Incarnação) trabalharam muito para a vinda destas carmelitas. As fundações multiplicam-se muito depressa mas gera-se um conflito de jurisdição.

Desde o princípio, os carmelos reformados de França foram confiados ao governo de superiores eclesiásticos franceses, estranhos à Ordem dos Carmelitas! Desde 1606, Bérulle obtém um Breve pontifício que revoga o direito dos Descalços de visitar os conventos das suas Irmãs carmelitas francesas. As monjas são subtraídas do governo dos seus irmãos. Até à Revolução de 1789, e por motivos particulares, só alguns mosteiros ficam sob a jurisdição da Ordem. No entanto, a grande maioria constitui o que, em França, se chama o «Carmelo beruliano».

Os mosteiros que pertencem a este «carmelo beruliano» estão sujeitos, até à Revolução, a «Visitadores Gerais». Estes exercem o governo máximo sobre a maior parte das Carmelitas de França. O seu número é variável. Em 1783, chega a quatro o número dos que detêm colegialmente este cargo.

Por variadíssimas razões (casos de consciência, cuidado em preservar o carisma teresiano, problemas de personalidades, etc.), as fundadoras espanholas recusam este particularismo jurídico. À excepção da Madre Isabel dos Anjos, elas deixam o Reino de França para se fixarem nos «Países-Baixos Espanhóis» (Bélgica) e implantam aí a reforma.

Esta saída das Madres espanholas não traz, contudo, grande dano ao dinamismo do Carmelo reformado francês acabado de nascer. Como já dissemos, as fundações multiplicam-se.

Vamos deter-nos agora nalguns números significativos. Eles vão revelar-nos a vitalidade das Carmelitas descalças em França.

Nas vésperas da Revolução de 1789, o Reino de França tem 74 carmelos, 61 estão sob a jurisdição dos Superiores franceses e os outros sob a da Ordem dos Carmelitas. Os 13 mosteiros não berulianos pertencem, na sua maioria, aos territórios anexados pela França depois da sua fundação (Regiões do Norte, Lorena, Franche-Comté). Três deles fazem parte dos Estados Pontifícios.

O ritmo das fundações traduz o interesse da França pela Reforma teresiana no século XVII. De 1603 a 1636, foram fundados 63 mosteiros. De 1637 a 1668, contam-se 13 fundações suplementares, enquanto que de 1669 a 1789, só foi fundado um mosteiro: o de Alençon (terra natal de Santa Teresa do Menino Jesus), em 1778.

A Revolução (1789-1799) fecha todos estes carmelos. Contudo, rapidamente, as comunidades reformam-se à custa duma coragem e duma fidelidade heróicas.

Já vimos antes que o dinamismo da Igreja de França foi muito importante no século XIX, sobretudo durante os primeiros cinquenta anos. A restauração da Ordem dos Carmelitas dá-nos uma prova clara disso. Em 1804 são reconstituídas vinte e cinco comunidades. De 1804 a 1830 são restaurados outros quinze carmelos. De igual modo, procedeu-se a novas fundações, cada vez mais numerosas. Até 1830 são oito estas fundações, e depois o movimento multiplica-se rapidamente. De 1831 a 1850: vinte fundações. A do Carmelo de Lisieux situa-se neste período com data de 1838. Só naquele ano, a França ficou enriquecida com três novas fundações (Lisieux, Libourne e Autun). Entre 1851 e 1901, isto é, na época em que Teresa viveu, contam-se outras cinquenta e nove fundações, o que eleva a oitenta e sete o número total de carmelos fundados ao longo do século XIX. As vocações afluem, tanto no clero secular como entre os religiosos. Muitos mosteiros estão de tal maneira florescentes que se vêem obrigados a fundar em França ou em terras de missão.

Terminemos esta pequena apresentação de estatísticas com a evolução do número total de comunidades de carmelitas em França. Já vimos que em 1789 eram setenta e quatro. Em 1830, quarenta e sete carmelos. Oito anos mais tarde, quer dizer, no ano da fundação de Lisieux, passamos a cinquenta e um mosteiros. Por volta de 1845, já em vésperas da Revolução, o número eleva-se a setenta e quatro. Reparemos que entre 1838 e 1845 (cerca de sete anos) são fundados vinte e quatro carmelos... Em 1873, ano em que Teresa nasceu, existem já cento e cinco carmelos em França. E o crescimento continua: vinte e quatro anos depois, quando Teresa morre, são cento e vinte sete. O máximo será atingido em 1930, com um total de cento e trinta e cinco carmelos franceses. No ano de 1994, restavam apenas cento e treze.

A vida dos carmelos franceses no século XIX

Queríamos pôr aqui de relevo as particularidades do Carmelo Francês do século XIX, atendendo, sobretudo, aos incidentes jurídicos que derivam do governo dos Superiores Franceses. Noutros aspectos, os mosteiros franceses conhecem o mesmo regime, os mesmos costumes de outros, em todos os países e até uma época bem recente. Eis porquê não falamos deles aqui.

É muito importante começar por sublinhar que, apesar das suas particularidades por vezes excessivamente marcantes, o Carmelo beruliano nunca se esquivou do espírito da «Madre». O carisma teresiano, apesar dos ventos e tempestades, esteve sempre salvaguardado.

Podemos dizer que os carmelos franceses vivem duma maneira muito unificada mediante, sobretudo, alguns pequenos costumes locais legítimos e variáveis de um convento para outro. O Carmelo que Teresa conheceu no fim do século XIX é sensivelmente o mesmo do dia seguinte à Revolução, e assim continuará até à Segunda Guerra mundial.

A sua originalidade, já o dissemos, diz respeito às suas estruturas de governo.

O regime dos Visitadores Gerais, anterior à Revolução, não se conserva quando da restauração do Carmelo francês. Aos bispos diocesanos confia-se o poder de jurisdição sobre cada um dos carmelos implantados na sua diocese. Eles detêm este poder de maneira ordinária. Geralmente, delegam-no num eclesiástico a quem chamam o «Superior do Carmelo». Este deve prestar contas dos seus actos perante o bispo.

Um manual da época, para uso das Carmelitas de França, resume assim a sua condição jurídica: «Nós apenas substituímos os Nossos senhores, os bispos, cuja conduta doce e paterna é bem capaz de satisfazer os nossos desejos, de apagar os desgostos que os nossos primeiros Pais (os Visitadores Gerais do Antigo Regime) poderiam ter deixado, e de merecer todo o nosso reconhecimento. Conservámos, além disso, os nossos Superiores particulares que aliviaram a carga do governo dos primeiros pastores (os bispos), partilharam também a sua paternal dedicação e os direitos à nossa filial gratidão» (em *Le trésor du Carmel*, Parte I, (Tours 1842), p. 375).

Tais são as estruturas do Carmelo beruliano. Foram as que Santa Teresa do Menino Jesus conheceu. O Carmelo de Lisieux está sob a jurisdição de Mons. Hugonin. Este era assistido pelo Cónego Delatroëtte, o Superior do Carmelo. Como nos outros carmelos, existe ainda um capelão diferente: o abade Youf.

Eis agora, fora da sua comunidade monástica, o universo carmelitano de Teresa, o de todas as carmelitas de França. Depois da implantação da sua Ordem, em 1604, pode dizer-se que existia uma separação radical entre as Irmãs e os seus Irmãos Descalços. Quando estes restauraram a sua Ordem, a partir de 1839, a situação não muda. Nenhum mosteiro de Carmelitas passa para a sua jurisdição, mesmo se alguns, como o de Avignon por exemplo, permanecem impermeáveis às teorias berulianas. Salvo raras exceções (subsiste apenas um em 1995), a grande maioria dos carmelos franceses ficam sujeitos aos bispos diocesanos, mesmo neste século XX.

Teresa, carmelita, provavelmente não viu nem conheceu qualquer carmelita descalço. Em França eram 193 em 1894. É preciso notar, porém, duas exceções, um pouco tristes apesar de tudo. Teresa esteve em relação com dois carmelitas. Os seus escritos testemunham-no. O primeiro é um carmelita romano que pertencia, provavelmente, ao convento de Santa Maria da Vitória. Viu-o por ocasião da sua grande peregrinação de 1887. O episódio é bem conhecido. Teresa, por causa da sua tenra idade, evita ser apanhada por uma «manu militari» do claustro deste convento onde ela entrou imprudentemente para ver os quadros situados já dentro da clausura (*Ms A*, 66v). O outro carmelita, de quem ela achou bem falar desta vez, é o padre Jacinto da Imaculada Conceição, Jacinto Loyson, o apóstata, o cismático...

A observância beruliana baseia-se num vasto «corpus» legislativo que se foi enriquecendo (poder-se-ia talvez dizer «sobrecarregando») ao longo dos anos.

A peça principal deste conjunto é, certamente, o texto das Constituições. Apesar da ameaça dum certo isolamento jurídico, os carmelos de França foram os únicos na Ordem, bem como algumas exceções muito localizadas, a permanecer fiéis às Constituições propriamente chamadas «de Santa Teresa», quer dizer, as Constituições de Alcalá, de 1581. Estas Constituições, sabêmo-lo, sofreram alguns retoques. Seriam necessárias mesmo algumas modificações importantes para as

ajustar às estruturas berulianas. No resto do mundo, seguiram-se as Constituições de Doria, quer dizer, de 1592. Também estas foram objecto de muitos retoques.

As diversas edições das Constituições de Alcalá seguidas em França derivam da primeira versão espanhola impressa sob o cuidado da Madre Ana de Jesus, em 1588. É a edição dita de «Madrid». As fundadoras espanholas, quando chegam a França, trazem entre a sua bagagem este texto. Rapidamente fazem-se as traduções francesas que, depois, são impressas e sucessivamente completadas por diversos Breves e Cartas Apostólicas. Estas edições francesas são utilizadas até 1926, quando se reunifica a legislação da Ordem das Carmelitas. A primeira tradução francesa das Constituições de Alcalá é a do Mons. de Brétigny (1601) que muito trabalhou para introduzir a Reforma em França.

Uma das principais modificações em relação ao texto original de Alcalá está ligada à Bula de Gregório XV, com data de 12 de Setembro de 1622. Este documento suprime de maneira radical nestas Constituições as disposições do primeiro número impostas por Santa Teresa. Doravante, as Carmelitas de França ficam oficialmente submetidas aos Superiores franceses (Bérulle, Gallemant e Duval). O termo «Provincial» é substituído pelo de «Superior» ou «Visitador». Até 1865, são nove as edições das Constituições. A de 1865, a edição dita de «Poitiers», fornece, em anexo, todos os documentos da edição espanhola de 1588.

Depois de termos falado das Constituições, temos de passar rapidamente os olhos por alguns elementos constitutivos dum verdadeiro «complemento legislativo» em uso nos carmelos franceses do século XIX. São sobretudo recolhas litúrgico-canónicas onde sobressaem os diversos costumes berulianos.

O *Próprio da Liturgia*, elaborado por Duval em 1629, está muito próximo ao que era usado em Espanha. A edição elaborada pelo mosteiro de Poitiers (e aprovada em 1858) é adoptada pela maior parte das comunidades. O *Manual dos Ofícios* elaborado por Duval em 1628 (e publicado em Paris), conheceu seis edições até à do mosteiro de Poitiers, em 1870. Esta obra assegura uma certa unificação entre os carmelos. O *Cerimonial* apareceu em 1659. Foi composto, a pedido dos Superiores, por Agostinho Galice, italiano, Geral dos Barnabitas e consultor da Congregação dos Ritos. O carmelo da Encarnação de Paris assegura a sua refundição em 1888. Enfim, não podemos, sobretudo, esquecer um

manual com um nome prometedor: *O tesouro do Carmelo*. É a «Bíblia» do carmelo beruliano. A obra, publicada em 1842 pelo carmelo de Tours, tem 584 páginas. Parece, de certo modo, o «património cultural, histórico e espiritual» dos mosteiros franceses. Encontram-se aí as principais instruções dos Superiores e Visitadores depois do começo do século XVII, os regulamentos e avisos de vária ordem até ao mais mínimo pormenor, as normas para a vida espiritual e os exercícios de piedade, a «Explicação das Constituições» pela Madre Madalena de S. José, primeira Priora francesa. Existe, finalmente, *O Papel de exacção*, uma pequena recolha de usos trazida pelas fundadoras espanholas em 1604. Todas estas peças reunidas no «*Tesouro do Carmelo*» são amplamente comentadas, apresentadas e interpretadas segundo as opções berulianas muito acentuadas. Vejamos um exemplo significativo: na página 538 começa uma breve apresentação intitulada «Resumo do espírito do Carmelo». A primeira finalidade do Carmelo é aí definida nestes termos: «Honrar a Encarnação e as humilhações do Salvador [...], unir-se estreitamente ao Verbo feito carne, e [...] glorificar a Deus pela imitação da sua vida escondida, sofredora e imolada». Encontramos aqui as ideias tipicamente berulianas. Muitas páginas não brilham pela honestidade histórica e muitas instruções têm um sabor jansenista.

Todas estas obras contêm as directivas constitutivas da «observância beruliana». Teresa teve-os à sua disposição no carmelo de Lisieux. Não é indiferente constatarmos que o carmelo de Lisieux foi fundado pelo de Poitiers. O mosteiro de Poitiers aparecia no século XIX como um «farol beruliano».

Vimos que foi ele que reeditou um grande número de manuais de observância beruliana, bem como as Constituições de 1581 em 1865, mas sobretudo, este carmelo exerce uma grande oposição a uma eventual jurisdição da Ordem sobre as monjas. Citemos apenas um exemplo: sob o pontificado de Pio IX, a Madre Priora do carmelo de Meaux, desejosa de estabelecer alguns laços com os Carmelitas Descalços, tinha contactado os carmelos e os bispos de França. A façanha valeu-lhe os protestos vigorosos das carmelitas de Paris e de Poitiers, beneficiando este mosteiro de Poitiers do apoio do seu bispo e do seu auxiliar (Mons. Pie e Mons. Gay). Logo que este mesmo mosteiro publica as *Crónicas da Ordem das Carmelitas e da Reforma de Santa Teresa após a sua entrada em França* (1887-1889), não se faz qualquer menção aos carmelos que se encontravam sob a jurisdição dos Descalços do Antigo Regime, quer dizer, antes da Revolução.

Estes pormenores podem fazer-nos supor que as carmelitas de Lisieux deviam ser fiéis aos ideais do seu Carmelo fundador. Teresa herdou-os, provavelmente, para além da sua formação na vida religiosa. Com o passar do tempo, não nos é difícil constatar esta lamentável originalidade, este particularismo nacional do Carmelo beruliano. Não nos compete condená-la. Seria injusto porque, apesar de certos riscos, o carisma teresiano não se eclipsou em França; mas temos de reconhecer que as carmelitas francesas desta época (tanto o Carmelo de Lisieux como os outros) viveram muito isolados não só em relação ao resto da Ordem, como também entre si mesmos. Preocupadas por ser fiéis aos seus costumes próprios, nem sempre ficaram livres da tentação de um certo isolamento sobre si mesmas, de uma certa desconfiança voltada para o imobilismo... *O Tesouro do Carmelo*, que evocava as Constituições de Santa Teresa, continha estas linhas características: «Toda a Ordem pode testemunhar que [as Constituições são hoje em França] tais quais foram [noutros tempos], que nada se lhes acrescentou nem tirou, nem mudou, e que são sempre observadas com a mesma exactidão. O Carmelo de França ficou, por isso, a este respeito, numa tal estabilidade, que se parece com a imagem da imutabilidade do próprio Deus; e nos outros países, nunca ninguém parou de fazer mudanças» (p. 354).

Alongámo-nos um pouco sobre esta questão do isolamento do Carmelo francês, mas era bem necessário. Negligenciar este aspecto levar-nos-ia, com efeito, a não avaliar a originalidade do meio onde Teresa viveu e se santificou. Esta separação estrita entre os Carmelos de França e o resto da Ordem perdurou até à primeira metade do nosso século. As Constituições das Carmelitas de 1926, bem como o Cerimonial de 1928, tiveram honra de «cimento de unidade». O Carmelo de Lisieux deu uma contribuição importante a esta obra de unificação graças à acção conjunta da Madre Inês de Jesus, irmã de Teresa, e do Padre Maria-Eugénio do Menino Jesus, quer pela relação entre padres e monjas, quer pelos laços que se estabeleceram entre os diferentes mosteiros (foi em Lisieux, em 1953, que tiveram lugar as assembleias preparatórias para a constituição das quatro futuras federações das Carmelitas de França em 16 de Maio de 1955).

Se tivéssemos de fazer uma apreciação geral ao Carmelo de França no século XIX, tal seria para constatar simplesmente que ele foi fervoroso e fecundo em fundações. Estas fundações tiveram lugar em França, certamente, mas também nas longínquas terras de missão. Neste

aspecto, o carmelo de Lisieux ocupa uma posição de destaque, pois foi ele quem fundou o mosteiro de Saigão em 1861, o primeiro carmelo num país de missão.

O conhecimento dos principais santos do Carmelo não levanta grandes problemas às carmelitas de França. As obras de Santa Teresa são-lhe facilmente acessíveis, nas suas numerosas traduções. A de Arnaud d'Andilly, que data da segunda metade do século XVII, é a mais divulgada até que um jesuíta, o padre Marcel Bouix, publica uma nova edição em 1852 que obtém um grande sucesso. Em 1900, conta já com vinte e quatro edições. Numerosas «Vidas» de Santa Teresa ocupam as principais estantes das bibliotecas (*Vida da Madre Teresa* pelo Padre Ribera, S.J., etc). O acesso às obras de S. João da Cruz torna-se mais hipotética. As irmãs possuem um conhecimento apenas fragmentário (e sobretudo «seleccionado») a partir dos extractos citados nos manuais que usam (livro das *Sentenças*, etc). A familiaridade de Teresa com o «Doutor místico» era certamente algo raro para a época. Ela não deixa de nos surpreender. Teresa tem consciência de que lhe deve muito. Escreve na sua Autobiografia: «Ah! quantas luzes não extraí das obras do Nosso Pai S. João da Cruz!... Na idade de 17 e 18 anos, não tinha outro alimento espiritual.» (*Ms A*, 83r). Os outros santos do Carmelo também tiveram sucesso entre as nossas Irmãs de França. Santa Maria Madalena de Pazzi parece agradar muito, tal como a Madre Maria da Encarnação (Senhora Acarie). Em 1882, celebra-se, com grande entusiasmo, o terceiro centenário de Santa Teresa. Nove anos mais tarde, S. João da Cruz também não é esquecido e festeja-se o seu centenário.

Notemos finalmente que, alguns membros do Carmelo francês gozam, no século XIX, duma certa notoriedade durante a sua vida. A sua lembrança está ainda bem viva hoje. Trata-se, para as carmelitas, da Irmã Maria de S. Pedro (1816-1848), carmelita de Tours, que contribuiu para a expansão da devoção à Santa Face do Senhor (em união com Dupont, o «Santo homem de Tours»). Sabemos como Teresa se interessa por esta devoção à face ultrajada de Cristo. Também a futura Beata Maria de Jesus Crucificado (1846-1878), professora do carmelo de Pau e fundadora do carmelo de Belém. Uma outra carmelita que também se distinguiu foi a Irmã Maria-Amada de Jesus (1839-1874), professora do carmelo de Paris (Avenida de Sax, transferida para Créteil) que, em resposta à *Vida de Jesus* de Renan (1863), redige uma obra muito espiritual: *Jesus Cristo é o Filho de Deus*. O livro alcança um grande

sucesso. Entre os carmelitas, duas figuras fizeram com que muito se falasse delas: o padre Jacinto Loyson, tristemente célebre, e o padre Agostinho Maria do Santíssimo Sacramento, Herman Cohen no mundo (1820-1871), judeu, pianista, discípulo de Franz Liszt, e cuja conversão retumbante fez muito barulho nos meios artísticos da época entre os católicos franceses. E para terminar, não deixaríamos ficar no silêncio o General Gastão de Sonis (1825-1887), uma das «glórias do catolicismo francês». Este velho zuavo pontifício distingue-se tanto pela sua bravura como pela sua dedicação às grandes causas católicas. É terceiro carmelita. Teresa terá ouvido falar muito dele. Testemunhas da época atestam que ela apreciava uma das suas orações.

O Carmelo de Lisieux

Vejamos agora o universo quotidiano de Teresa. Que aspecto tem a comunidade das carmelitas de Lisieux? A que se parece a cidade de Lisieux que ela conheceu neste fim do século XIX?

A cidade de Lisieux

Figura entre as mais antigas de França. Os Gauleses chamam-lhe «Noviomagus». Totalmente incendiada no século III, foi reconstruída no lugar actual e recebe o nome dos habitantes da região: os “lexóvios”. Lisieux sofreu muito durante a Guerra dos Cem anos (1337-1453) e depois, com as lutas de religião no século XVI. Depois da Revolução, a cidade é absorvida pelo departamento de Calvados e torna-se subprefeitura. Depois do sr. Martin e as suas filhas se instalarem ali, no dia 15 de Novembro de 1877, a cidade conserva ainda a sua bela fisionomia medieval que os bombardeamentos de 1944 mutilaram de forma irremediável. Velha cidade episcopal, possui uma bela catedral onde se encontra enterrado o bispo Pedro Cauchon, o tristemente célebre juiz de santa Joana d’Arc, transferido da sede de Beauvais para a de Lisieux. Pouco antes de 1870, a cidade é um centro de produção muito importante. Segundo uma antiga tradição, são os têxteis que asseguram prioritariamente o trabalho e a prosperidade. Entre 1875 e 1885, isto é, durante a infância de Teresa, a cidade atravessa uma importante crise económica. Teresa,

menina, não tem dificuldade em encontrar pobres a quem dar esmola como o seu pai lhe ensinava. Sob uma aparência florescente, Lisieux esconde misérias. A sua população, de um recenseamento a outro, conhece um ligeiro descenso: cerca de 18.000 habitantes em 1875, cerca de 16.000 em 1896, apenas 15.000 em 1920. A cidade de Lisieux tem uma real actividade intelectual. No século XIX, encontramos lá círculos literários e «sociedades de sábios». A prática religiosa dos habitantes de Lisieux não tem nada de excepcional. Um autor evocou a fé dos normandos (Lisieux está na Normandia, recordemo-lo) recorrendo a uma fórmula muito sintética: «o normando é mais católico por tradição do que por crença. Não é místico». Os normandos são conhecidos pelo seu espírito prático e um pouco desconfiado.

Lisieux possui toda uma rede de estabelecimentos escolares, hospitalares e caritativos, dirigidos por eclesiásticos. No extremo oeste da cidade eleva-se um conjunto de construções díspares: foi para lá que, a partir do ano de 1046, foi transferida a abadia das beneditinas de S. Pierre-sur Dives. O mosteiro recebeu o nome de Nossa Senhora do Pré. As beneditinas reabriram aí um colégio que Teresa frequentou de 1881 a 1886. Além das visitas aos diversos santuários da cidade e das reuniões do Círculo Católico, não podemos dizer que a tímida Teresa conhecia bem Lisieux. O seu meio, o da média burguesia, nem é o das altas famílias normandas, nem o dos operários. Ela relacionou-se um pouco quer com umas quer com outros, devido ao contacto com as empregadas domésticas dos Buissonnets e à peregrinação de 1887 em que descobre a nobreza do país (*Ms A*, 5v e 56r). Foi depois da sua entrada no Carmelo que teve um conhecimento mais amplo das camadas humildes da sociedade, bem representadas nas Irmãs. Teresa, menina, foi antes preservada pelo seu meio, mas a sua excelente educação, bem como o compromisso social de muitos membros da sua família (sobretudo o seu tio Isidoro), ajudou-a a não desprezar os mais desprovidos (o seu pai ensinou-lhe a pedir a bênção aos pedintes que iam aos Buissonnets), nem a deixar-se deslumbrar por fortunas enganadoras (*Ms C*, 29v e 30r).

O mosteiro das Carmelitas

Com ele vamos poder progredir na apreciação da santidade de Teresa.

Duas meninas do Havre, Athalie e Désirée Grosselin, estão na origem da fundação do carmelo de Lisieux. Depois de um primeiro

contacto com as carmelitas de Pont-Audemer, conheceram o abade Pedro Sauvage, vigário da paróquia de S. Tiago de Lisieux. Este ajudou-as na sua orientação espiritual e aconselhou-as a consagrar a sua modesta fortuna na fundação dum Carmelo. O bispo de Bayeux sonha que a fundação se faça na paróquia onde o abade Sauvage exerce o seu ministério. As meninas Grosselin fazem o seu noviciado em Poitiers, na companhia duma lexoviense: Carolina Guéret. Elas regressam, em 1838, com duas professoras: a Madre Isabel de S. Luís, superiora da nova fundação, e a Irmã Genoveva de Santa Teresa, nomeada sub-prioressa e mestra de noviças. A Madre Isabel morre depressa, em 1842, quatro anos depois da inauguração do mosteiro (no dia 24 de Agosto de 1838). A Madre Genoveva (1805-1891) recebe o cargo de prioressa que exerce, quase ininterruptamente, até 1886. É vista como a verdadeira fundadora do Carmelo. Teresa, ainda jovem carmelita, conheceu-a bem e soube apreciar os seus valores espirituais.

Já dissemos que a fundação do Carmelo de Lisieux, em 1838, acontece numa época em que o Carmelo de França se reestrutura e dá provas duma grande vitalidade. Teresa, carmelita, viveu numa comunidade muito viva, com suas sombras e suas luzes. Um verdadeiro «mundo em miniatura». Em 1895, a comunidade conta com 26 membros (vinte e duas coristas e quatro conversas). É uma comunidade numerosa, como muitas outras da época. Comunidade fervorosa e muito austera. O clima da Normandia não está particularmente adaptado para uma vida sem aquecimento... A humidade faz-se sentir por todo o lado e há muito frio. A construção dos lugares, tais como aparecem hoje, tem uns quarenta anos. A obra foi terminada em 1877. A superfície da clausura é muito limitada. No início do século XX, a compra dum terreno contíguo permitiu alargar o jardim.

As origens sociais das Irmãs contemporâneas de Teresa são muito diversificadas. A Ir. Maria dos Anjos (1845-1924), mestra de noviças de Teresa, e a Madre Maria de Gonzaga (1834-1904), pertencem à nobreza. Esta última foi julgada muito severamente por alguns historiadores. A personalidade da Madre Maria de Gonzaga, muito rica, tem também muitos contrastes. Tem um carácter forte, é caprichosa, mas sob estes traços ingratos esconde-se uma inteligência viva, um espírito empreendedor e eficaz (ela pôs-se totalmente ao serviço do mosteiro) e um discernimento seguro. Alguns padres vêm consultá-la sobre diversos assuntos. Ela acreditou na autenticidade da vocação de Teresa e sobretudo, teve a

abertura de espírito suficiente para aceitar a sua entrada aos quinze anos, apesar da presença das outras suas duas irmãs, Maria e Paulina.

As outras carmelitas de Lisieux provêm da média burguesia, como as irmãs Martin, e sobretudo, de meios mais desfavorecidos (origem camponesa e operária). Algumas delas são incultas e rudes. Muitas são ferozmente contrárias à entrada de Teresa e, duma maneira geral, ao «clã Martin» (as quatro irmãs Martin e a sua prima Maria Guérin). Teresa teve dificuldades em ganhar simpatia junto de algumas recalitrantes que a julgavam demasiado fina e não suspeitavam da sua força de alma. Quatro ou cinco companheiras de Teresa sofriam de tendências neurasténicas ou de carácter muito pesado para viverem em comunidade. Teresa chegará progressivamente a «domar» estas freiras graças à sua grande caridade.

Esta comunidade de Lisieux, sob certos aspectos humanos, é muito pobre, mas é precisamente a partir desta pobreza que Teresa realizará maravilhas. A muitas das suas Irmãs que temiam a justiça divina, ela saberá suscitar a audácia de se abandonar à Misericórdia e de resistir a certas tentações jansenintas.

A vocação e a santidade de Teresa desabrocha desta pobreza. É extraordinário constatar como, vinte anos mais tarde, Isabel da Trindade atingiu os mesmos cumes espirituais num meio muito diferente: o Carmelo de Dijon, mais privilegiado e mais culto.

Para terminar esta breve apresentação do Carmelo de Lisieux seria talvez necessário sublinhar a importância das influências exercidas sobre as Irmãs neste final do século XIX.

Existe, em primeiro lugar, o mundo dos eclesiásticos. O bispo de Bayeux, o Superior e o Capelão do Carmelo. Este mundo, com o recuo do tempo, pode parecer-nos bastante congelado; e estes eclesiásticos mantêm-se nesta «moldura» com uma constância extraordinária. Na sua vida, Teresa só conheceu um bispo e um Capelão no Carmelo. Mons. Hugonin (1823-1898) ocupa a sede de Bayeux-Lisieux de 1866 a 1898. Gozava dum certo prestígio e possuía a grandeza de alma de preferir a sua humilde diocese a uma elevação episcopal mais gloriosa. Quando lhe oferecem a Arquidiocese de Lyon, ele recusa-a por fidelidade aos seus diocesanos: «Seria um ingrato se quebrasse a minha aliança, dizia ele; um bispo só ama bem uma vez».

O abade Youf (1842-1897) assume o cargo de Capelão das carmelitas, de 1873 a 1897. É um santo sacerdote que dá bons conselhos mas não ajuda muito a Teresa que tem muita afeição por ele e o precede numa semana na sua partida para a eternidade. O abade Delatroëtte (1818-1895) é ao mesmo tempo pároco de S. Tiago e Superior do Carmelo, de 1867 a 1895. As lembranças que o ligam a Teresa mostram-no particularmente duro e frio. Ele é, parece, um pouco mais afável com os seus paroquianos e as crianças que tem ao seu encargo.

Teresa, contudo, está ligada ao Padre Pichon, jesuíta, o director espiritual de Maria e de Teresa desde 1888. Ela escreve-lhe uma vez por mês e ele... uma vez por ano. Os conselhos que ele lhe dá são bons mas poucas vezes. Esta direcção espiritual faz com que Teresa tome consciência de que o seu único guia é Jesus e que deve ficar somente com Ele. Permite mesmo, à jovem carmelita, de ser socorrida pontualmente, como é o caso com o padre Prou (1844-1914), franciscano, por ocasião do retiro que ele prega no 8 ao 15 de Outubro de 1891 (encontro libertador para Teresa).

Teresa tem um pouco mais de sorte com os seus dois irmãos missionários: os padres Roulland (1870-1934) e Bellière (1874-1907), mas, neste caso, é ela principalmente quem os ajuda. A sua correspondência alimenta o zelo apostólico de Teresa e a sua sedução pelo martírio. O seu herói preferido, Teófanos Vénard, é originário da diocese de Poitiers à qual pertencem as carmelitas fundadoras do Carmelo de Lisieux. Foi decapitado em Tonkin em 1861, o ano em que o Carmelo de Lisieux, sob o priorato da Madre Genoveva de Santa Teresa, fundou o Carmelo de Saigão. Deste Carmelo deveriam sair muitas fundações. No tempo de Teresa, a comunidade de Lisieux tem uma carmelita de Saigão.

Conclusões gerais

À maneira de conclusão, algumas notas irão guiar o nosso olhar para perspectivas espirituais.

A evocação da história de França ao longo da segunda metade do século XIX mostra-nos que Teresa é bem filha do seu tempo. Três acontecimentos com os quais ela se viu confrontada revestem-se aqui dum sentido simbólico:

– com o caso Pranzini, Teresa, ainda criança, descobre o poder do mal que nasce dum mal-estar social e se traduz aqui em teorias anarquistas;

– com o caso Léo Taxil, choca com o anticlericalismo que ocasiona nela uma grande prova para a sua fé. Teresa atraçoada compreende que foi o joguete duma ilusão cruel;

– com o caso Loyson, é a vulnerabilidade da Igreja, tentada pelo positivismo, que a atinge.

No caso de Pranzini, a oração de Teresa foi ouvida. Os outros dois desafios, aos olhos humanos, são totais contratempos. Estas três experiências dolorosas mobilizaram Teresa na dimensão mais sagrada do seu ser. Ela «sentou-se à mesa» dos maiores pecadores (cf. *Ms C*, 6r): Pranzini, Taxil e Loyson.

Teresa conheceu bem o seu tempo como o ilustra a sua grande peregrinação de 1887. Ela pertence à pequena burguesia de província, mas desde a sua infância está habituada ao espectáculo da pobreza (*Ms A*, 11v). A frequência dos notáveis não a impressiona. Depois de entrar no Carmelo compreende que só a fé permite aos membros destas categorias sociais coabitarem na paz. Teresa conheceu o mundo antes de o deixar. Depois de entrar no Carmelo, ela ficou no coração do mundo.

Teresa comungou com as aspirações do seu tempo chegando sempre mais longe. Na sua alma, fez passar cada uma das aspirações do seu tempo pelo crisol da fé. É assim que ela comunga, contra a sua vontade, com a descrença do seu tempo, e reage em sentido inverso. Às razões dos «piores materialistas» (*Notas preparatórias do Processo Apostólico*, pp. 115-116) que invadem a sua alma, ela opõe sempre a fé.

Para ela, o progresso conseguido pelos seus contemporâneos realiza-se na perda e experiência duma grande pobreza (a sua comunidade de Lisieux, a prova da fé, a doença). Mais ainda, Teresa transpõe para a vida espiritual as ambições do seu tempo que continuam a ser substancialmente as mesmas de hoje. A esperança louca e trepidante do fim do século XIX, sublimou-a e venceu-a sob a forma de esperança cristã. Confessa nos seus *Manuscritos Autobiográficos*: «Quando canto a felicidade do Céu, a posse eterna de Deus, não sinto nenhuma alegria, porque canto simplesmente o que quero acreditar» (*Ms C*, 7v). As pretensões positivistas do seu tempo, ela assume-as na noite da fé, crer contra toda a esperança, na contra-corrente de verdadeiras ondas dessacralizantes.

Filha do seu tempo, é marcada por ele mas sabe distanciar-se dele. O seu forte sentido de pertença nacional, o seu amor pela França, não são obstáculos para ela. Antes pelo contrário. Sabe que a sua pátria é o Carmelo e que o Carmelo é uma porta aberta para o Céu, a «pátria» por excelência. Esta expressão solta-se muitas vezes da sua pena. A própria desilusão política dos católicos do seu tempo parece alimentar nela a virtude da esperança porque a terra não passa dum lugar de exílio, um lugar de passagem.

Graças à dimensão social da fé e da prática religiosa dos seus contemporâneos, por causa do imperativo da visibilidade da fé entre os católicos, Teresa sente-se encorajada a publicar as suas posições, a sua «pequena doutrina» tão original, mas ao mesmo tempo é causa dum sofrimento particular porque se sabe desamparada em relação às ideias comumente aceites. Não é que ela diz à Celina que não é capaz de «ver o Sagrado Coração como toda a gente» (C 122)?

A vida de Teresa, a sua irradiação espiritual, são um milagre permanente, um brilho permanente que, até hoje, não conheceu qualquer eclipse. Viveu numa família pouco aberta ao exterior, numa pequena cidade obscura da província, num carmelo muito pobre e num período complexo e efervescente da história de França.

Este contexto político e religioso, que foi o seu, contribuiu para talhar a sua fisionomia espiritual. É uma terra particularmente predisposta para a eclosão da «Pequena Flor».

Teresa soube captar a luz do seu tempo para iluminar o nosso tempo.

SANTIDADE AO ALCANCE DA MÃO

MISÉRIA E MISERICÓRDIA

MARIE T. HÜBER

Na semana do 8 ao 15 de Outubro de 1891, o Pe. Alexis Prou, religioso «recoleta», pregou um retiro no Carmelo de Lisieux. Os retiros tinham sido sempre, nos anos anteriores, dias de dificuldade, de sofrimento, de angústia para a Irmã Teresa do Menino Jesus. As reflexões que escutava, bem como a atmosfera espiritual que respirava e certas práticas ascéticas em uso naquele tempo, não correspondiam ao conceito ou ideia que ela tinha de Deus. Antes pelo contrário, chocavam com as intuições e as certezas que guiavam a sua vida de fé. Os pregadores, em vez de a iluminarem e confortarem, perturbavam-na. Exaltavam a justiça de Deus, enquanto que ela contemplava sobretudo o amor de Deus. Quando lia o Evangelho era sempre e principalmente a misericórdia de Deus que brilhava aos seus olhos, que aquecia o seu coração. «*Deus é amor*, repetia Teresa com o Apóstolo S. João. *Vejo todos os outros atributos de Deus através da sua misericórdia*». Mas na sua comunidade religiosa venerava-se especialmente a justiça de Deus e a Irmã Teresa pensava: «*O amor não é conhecido*». O amor não é amado como o deveria ser...

Os retiros anteriores tinham sido particularmente dolorosos, porque quando Teresa se abria ao pregador, confiando-lhe as suas intuições, as suas descobertas, as suas certezas sobre o amor de Deus, especialmente

* Este artigo foi traduzido, com a devida vénia, da *Rivista di Vita Spirituale*, 4-5 (1996) 511-522.

quando manifestava os seus desejos de amar a Deus «*com loucura*», de responder e corresponder ao imenso amor de Deus por ela, ouvia-lhe dizer: «*Minha filha, contentai-vos em ser uma boa religiosa... Não aspireis em chegar tão alto...*» E ainda: «*Não venha aqui fazer-nos um sermão!*». Cada retiro espiritual era para ela um banho de água fria.

Teresa remava contra a corrente

«*Não aspireis em chegar tão alto...*» enquanto Teresa para dar prazer a Jesus, aspirava a ser uma grande santa! Já com a idade de 9 anos, ela «*sentia que tinha nascido para a glória, e procurando o meio de o conseguir, o Senhor... fez-me compreender que a minha glória não apareceria aos olhos dos homens, e consistiria em tornar-me uma grande santa!!!*».

«*Tal desejo poderia parecer temerário, se tivermos em conta quanto eu era fraca e imperfeita, e quanto o sou ainda após sete anos passados na vida religiosa. No entanto, sinto sempre a mesma confiança audaciosa de me tornar uma grande Santa, pois não conto com os meus méritos, não tendo nenhum, mas espero n'Aquele que é a Virtude, a própria Santidade. Só Ele, contentando-se com os meus fracos esforços, me elevará até Ele e, cobrindo-me dos seus méritos infinitos, me fará Santa.*» (Ms A 32r).

Ora, no tempo da nossa jovem carmelita, o chamamento universal à santidade não era compreendido como o é hoje, e isto explica a ideia e os conselhos dos pregadores de então.

Os santos apareciam como heróis e os heróis são muitas vezes raros... Eram, sim, grandes ascetas, mas pouco místicos. Aspirar a tornar-se santo, podia aparecer como uma falta de humildade. Hoje podemos medir o passo de gigante que a espiritualidade cristã deu a partir do concílio Vaticano II, e isto precisamente por mérito de Teresa e da sua «*pequena doutrina*». Com efeito, todos os cristãos estão chamados a caminhar para a santidade, porque todos possuem os meios necessários: a graça, as virtudes teologais e os dons do Espírito Santo. A espiritualidade de Teresa contribuiu verdadeiramente para “democratizar” a santidade, como veio a dizer o papa Paulo VI.

Para entender Teresa é preciso compreender a mentalidade espiritual do seu tempo. Em França reinava o jansenismo, vigorava uma «*espiritualidade reparadora*», honrava-se sobretudo a Deus juiz, Deus que julga,

adiciona e subtrai, regista e recompensa os méritos. Era a preocupação de ganhar muitos méritos, de reparar as ofensas a Deus, de mortificar sobretudo o corpo para libertar o espírito. Em certas Ordens Religiosas, «quem não levava um cilício era considerado pouco fervoroso». No Carmelo de Lisieux, cultivavam-se ortigas para que as monjas pudessem servir-se delas para a disciplina... Falava-se facilmente de Irmãs que se tinham oferecido como vítimas à justiça de Deus; uma tinha morrido poucos anos antes, depois de sofrimentos atrozes. Teresa não se sentia disposta a oferecer-se à justiça de Deus, mas antes ao Amor Misericordioso. E não exitou em propô-lo às suas noviças. E desta maneira ela estava a remar contra a corrente.

Por outras palavras, muitas pensavam que era preciso oferecer primeiro alguma coisa a Deus, *dar a Deus*, para que Deus pudesse depois *também Ele dar*. A iniciativa do homem precedia a ação de Deus. Em certo sentido, o agir humano condicionava o agir divino. A ascese extraordinária, por vezes violenta até, era quase uma condição para alcançar a santidade. A vida ascética predominava, enquanto a vida mística era suspeita. De facto, os místicos, aqueles que viviam habitualmente na intimidade de Deus, atentos às moções do Espírito Santo, para O seguirem e não O precederem, porque é Ele que programa e realiza a santidade dos Seus amigos, os místicos eram muito raros naqueles tempos, inclusive no Carmelo. Temia-se o iluminismo. S. João da Cruz, o Doutor místico, era conhecido quase unicamente pelas suas obras de ascética. Teresa, que tinha aprendido precisamente em S. João da Cruz a importância do amor e os caminhos do amor, não renunciava à ascese, às mortificações, aos sacrifícios, mas cumpria-os, discretamente, no cinzento quotidiano, tão discretamente que quase ninguém o advertia. Ela descobria a vontade de Deus nas dificuldades e contrariedades da vida de cada dia, nas fadigas e nas dores do dever de estado, nas inevitáveis antipatias da vida de comunidade, na dor e na doença. Com o seu olhar de fé, considerava tudo e tudo aceitava com amor para dar prazer ao seu Jesus. Não escolhia ela a ascese a praticar, aceitava com amor aquela que a Providência dispunha no seu caminho. Via aí as visitas do Senhor, dos «deveres divinos», como ela dizia. Olhava o amor a oferecer, mais do que os sofrimentos a infligir-se. Neste campo, Teresa é para nós, uma mestra espiritual e um guia excepcional. Ensina-nos uma *espiritualidade dos acontecimentos*, uma *espiritualidade das circunstâncias ordinárias*, da vida, de qualquer vida, uma *espiritualidade do dever de estado*, de qualquer estado, religioso, sacerdotal ou leigo. Exactamente como o concílio Vaticano II nos ensinou.

Em vez de escolher uma ascese extraordinária ou violenta, acolhia e abraçava *as cruces* da vida quotidiana que, para ela, foram numerosas: uma vida verdadeiramente heróica a de Teresa! Estava atenta para reconhecer e seguir as moções do Espírito Santo, enquanto outros, em boa fé, seguiam usos, tradições, vias espirituais nem sempre em linha perfeita com o Evangelho. Corria o risco de fazer a própria vontade: «Vede, Senhor, aquilo que faço por Vós!», e de se gloriar disso...

Confiança e abandono... abertura à misericórdia

Naquele ano de 1891, o pregador depressa compreendeu o estado de espírito de Teresa. Provavelmente também ele estava na mesma linha de onda. Certas verdades é preciso experimentá-las para as compreender. Rapidamente e com determinação, encorajou a jovem carmelita, que, mais tarde, dirá: «*Lançou-me a todo o pano sobre as ondas da confiança e do amor, que me atraíam com tanta força, mas sobre as quais não me atrevia a navegar... Deus... serviu-se precisamente daquele Padre, que não foi apreciado senão por mim...*» (Ms A 80v).

Teresa sentia-se compreendida e segura, disposta a seguir com confiança pelo *caminho do amor*. Foi, para ela, uma verdadeira libertação espiritual, uma fonte de alegria indescritível. Poderia agora entregar-se tranquilamente ao amor gratuito de Deus; podia – melhor, devia – responder e corresponder àquela necessidade que Deus tem de dar gratuitamente o Seu amor.

A esta graça de libertação espiritual, a Providência depressa acrescenta uma segunda: a Madre Prioressa pede a Teresa para ajudar a Mestra das noviças na sua obra de formação. Esta missão confiada a Teresa foi verdadeiramente providencial, porque lhe dava ocasião para ensinar a sua «pequena doutrina» de infância espiritual. Se Teresa não tivesse sido encarregada desta missão de ensinar e de formar, provavelmente não teríamos hoje a graça e a alegria de conhecer o seu precioso caminho de santidade. Com efeito, às noviças, sobretudo à sua irmã Celina, Teresa dava os frutos frescos e suculentos da sua contemplação de Deus, transmitia as suas descobertas, as suas certezas e as suas experiências.

A nossa jovem vice-mestra das noviças explicava como o amor de Deus se dá para além de todos os méritos e de todos os direitos. A

misericórdia é um amor gratuito, oferecido a todos, um amor tão grande que a própria razão humana não consegue compreender porque se trata precisamente de um amor infinito, divino. Só Deus o conhece e o pode dar, porque só Ele o possui. Teresa apoiava-se no Evangelho para demonstrar a verdade do seu «pequeno caminho». Citava a parábola dos trabalhadores chamados a trabalhar na vinha, e punha a descoberto a natureza da misericórdia. Os operários que tinham trabalhado todo o dia receberam o salário combinado. Os da última hora receberam o mesmo salário que os primeiros. Estes murmuravam contra o senhor da vinha dizendo: «estes últimos trabalharam somente uma hora e trataste-os como a nós, que suportámos o peso do dia e do calor». «Amigo, eu não te prejudiquei, responde o dono da vinha; recebeste aquilo que tratámos. Não poderei fazer o que quero com aquilo que é meu? Ou tu vês com maus olhos o facto de eu ser bom?» (Mt 20, 8-17).

Esta parábola ilustra bem a misericórdia de Deus, porque mostra como Deus sabe ser justo, sim, mas também sabe dar gratuitamente, isto é, com misericórdia. O Concílio de Trento declarou que Deus distribui os Seus bens de dois modos: primeiro, *com justiça*. Recompensa os méritos. Dá a graça que quer dar, como recompensa pela nossa fidelidade. Segundo: *com misericórdia*. Deus dá muito além dos nossos méritos, dá com generosidade, em linha perfeita com a Sua natureza divina. Deus é Amor infinito, tem necessidade de expandir-se, de dar largamente e gratuitamente. Deus é feliz em dar, em dar muito!

No tempo de santa Teresa de Lisieux, honrava-se quase exclusivamente a justiça de Deus, enquanto que ela, Teresa, contemplava principalmente o amor de Deus. É verdade que a justiça é, como a misericórdia, um atributo de Deus, mas a misericórdia supera a justiça, porque reflecte melhor a natureza de Deus; *Deus é amor* e como cada amor autêntico tem necessidade de se comunicar, de se dar. Teresa compreendeu como Deus deseja dar-se; e como Deus se alegra no dar-se.

Este modo de dar-se, da parte de Deus, foi pouco considerado na doutrina e na pregação. Por exemplo: consultando alguns dicionários de espiritualidade, procurando a palavra *Misericórdia*, na esperança de encontrar comentários interessantes, não a encontraremos. Aparecem sim as *Obras de misericórdia* (isto é, as acções boas realizadas pelo homem), mas falta a palavra *Misericórdia* (isto é, a acção mais divina de Deus). Ou então, «no plano da Redenção, todas as coisas encontram sentido e razão de ser na misericórdia que preside a economia da salvação cristã e a edificação do Corpo místico de Cristo» (P. Maria-

Eugénio, em *Tu amor creció conmigo*). «O ter descoberto esta verdade de fé divina... parece a mais alta e a mais importante graça contemplativa que Santa Teresa do Menino Jesus tenha recebido». «A grandeza de Santa Teresa de Lisieux deriva do ter descoberto a misericórdia» (*o.c.*). Descoberta verdadeiramente perturbadora, capaz de orientar toda uma vida e de a transformar. S. Tomás de Aquino ensina que na raíz de cada criatura existe um acto de misericórdia de Deus. O olhar de Teresa, de tal maneira simples, conseguiu ver tudo à luz da misericórdia.

Parece que foi escolhida por Deus para recordar aos homens que *Deus é amor*, que Deus deseja ardemente verter o Seu amor misericordioso sobre todas as criaturas; que Ele, de certa maneira, *tem necessidade de amar*, tem necessidade das nossas mãos vazias para as encher.

Uma doutrina luminosa

Santa Teresa de Lisieux não descobriu nenhuma verdade nova. Recorda-nos tão somente uma verdade de fé, mas fá-lo com uma linguagem nova, simples e clara, viva e convincente. Recorda-nos a espiritualidade viril de S. Paulo, servindo-se de imagens, comparações e experiências que levam o selo da sua própria experiência. Por isso sabe iluminar as mentes e arrastar os corações. Transmite as suas descobertas, as suas intuições, as suas convicções, ilustrando-as com imagens eficazes, como o ascensor que leva para Deus, ou a história do passarinho que traduz tão bem a contemplação de Teresa.

Mas para compreender *em profundidade* a doutrina espiritual da carmelita de Lisieux, requiere-se uma luz e uma força sobrenatural. Com efeito, só as forças naturais não são suficientes para a entender, e menos ainda para a viver. A luz da inteligência humana, por si só, não o consegue. Requiere-se a inteligência da fé, fruto do Espírito Santo.

Não é fácil compreender o *caminho da infância espiritual*, o *caminho da confiança e do abandono*. Como tender para o Alto, e ao mesmo tempo cultivar a nossa pobreza, amar e servir-nos das nossas debilidades, alegrar-nos com a nossa indigência e impotência para subir o primeiro degrau da santidade? Não parece que nos encontramos diante dum paradoxo? Como aspirar à perfeição cristã e, ao mesmo tempo, alegrar-se com as próprias imperfeições e fraquezas? Como colocar juntas, na prática, estas contradições?

Um grande discípulo da pequena Teresa

«Um dos mais autorizados discípulos da nossa Santa neste século... e até mesmo para os tempos futuros», como escreveu Mons. Guy Gaucher, ocd, bispo auxiliar de Lisieux, foi o servo de Deus, Pe. Maria Eugénio do Menino Jesus, falecido há cerca de trinta anos. Este religioso estudou durante quase quarenta anos a vida e a doutrina de Santa Teresa de Lisieux. Ora, ele dizia que a doutrina e a vida de Teresa lhe davam vertigens, tão profundas são! Fascinado por aquela experiência de Deus, dirigiu os seus passos pelos passos de Teresa, pôs o seu coração perto do coração de Teresa. Torna-se num seu discípulo fiel. Porque possuía um conhecimento não apenas teórico, mas experiencial, da doutrina de Teresa. Por isso sabia expô-la com uma linguagem simples e clara, com imagens e comparações, sobretudo com uma convicção que arrastava. Sabia iluminar as mentes e inflamar os corações. Falava da sua «pequena amiga» como um enamorado fala da sua amada.

Para nos explicar o que é a santidade e mostrar que é Deus quem faz os santos, Maria Eugénio servia-se da comparação, bastante iluminadora, entre o herói e o santo. Explicava como o herói sabe fazer grandes coisas, faz até actos quase sobre-humanos e alcança graças para os *seus* próprios recursos humanos, graças para a *sua* vontade decidida, para a *sua* inteligência genial, para as *suas* forças físicas e morais não comuns, para a *sua* determinação e constância. O herói é uma espécie de super-homem, que se gloria das *suas* empresas e que os homens admiram e louvam pelas *suas* proezas.

O santo, pelo contrário, não faz necessariamente coisas grandes nem extraordinárias, e citava o exemplo de Santa Teresinha, cuja santidade fugia da vista à maior parte das suas Irmãs... O santo não conta com os próprios recursos, nem as suas próprias forças: conta unicamente com a força de Deus. O santo conhece demasiado bem a sua pobreza espiritual, mede a sua fraqueza congénita, sabe que é incapaz de dar, por si mesmo, um único passo pelo caminho da santidade. Por isso se apoia, sempre e em tudo, n'Aquele que é o Santo dos santos. Espera tudo d'Ele! «*Que faria, que seria, se me apoiasse sobre as minhas próprias forças...?*», perguntava-se a nossa Santa. «*Reconheço que sem Ele, teria podido cair muito baixo, como Madalena...*». «*Tu, ó Jesus, serás a minha santidade!*»

O Pe. Maria Eugénio citava S. Paulo: «É pela graça de Deus que sou o que sou, e a graça que Ele me deu não foi inútil...» (1 Cor 15, 10). E ainda: «“Basta-te a minha graça – tinha-lhe dito o Senhor –, porque é na fraqueza que a minha força se revela totalmente”. Portanto, prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. Alegro-me nas minhas fraquezas..., pois, quando me sinto fraco, então é que sou forte» (2Cor 12, 9-10). Forte na força de Deus! Não na minha! Comentava o Pe. Maria Eugénio. «Posso tudo naquele que me conforta» (Fil 4, 13). O poder dos santos não é outro que o poder de Deus, que se manifesta nos santos e através dos santos.

Com uma experiência muito forte, o Pe. Maria Eugénio insistia: o santo é um pobre homem, que caminha com fadiga, apoiando-se na Cruz de Cristo. Sabe que só pode contar com Cristo. O santo é um pedinte da graça e da misericórdia, sempre mais convicto da sua indignidade, da sua fraqueza, e por isso sempre mais rico com a riqueza de Deus, sempre mais forte com o poder de Deus. O santo não é um herói, é um fruto puro da misericórdia de Deus.

Deus conhecido...

Teresa tinha-o compreendido bem e tinha intuído a alegria que Deus encontra no exercício da misericórdia. Ela era feliz ao contribuir para aumentar a felicidade de Deus! Porque, exactamente, Deus encontra a Sua glória em amar gratuitamente.

Teresa conhecia Deus e, à luz de Deus, aprendia a conhecer-se a si mesma. Tocamos aqui no ponto essencial da doutrina espiritual de Teresa. Ela encontrava frequentemente o seu Deus na obscuridade da fé; conhecia-o porque descia à profundidade de Deus durante as longas horas de oração. Contemplava-o graças a um olhar de fé simples. Reconhecia-o nas pessoas com quem vivia. Reconhecia a presença de Deus nas mil circunstâncias, felizes ou dolorosas dos seus dias. Sabia olhar Deus «face a face», «olhos nos olhos». Fixava-o com um olhar trasbordante de amor; por isso O conhecia tão bem. Sob a luz divina, chegava a conhecer sempre melhor o «carácter» de Deus, adivinhava os desejos de Deus, percebia as suas moções, intuía as suas preferências e as suas expectativas. Deus tinha-se tornado no seu grande Amigo! Teresa podia dizer com o apóstolo S. João: «Nós conhecemos o amor de Deus por nós e acreditámos nele. Deus é amor» (1Jo 4, 16).

Conhecimento de Deus e confiança ilimitada na misericórdia de Deus. «“Compreender, isto é, compreender o essencial” da doutrina de Santa Teresa do Menino Jesus» (Pe. Maria Eugénio).

De facto, a infância espiritual manifesta claramente estes dois polos: misericórdia e confiança. A expressão *infância espiritual* não é de Teresa, foi acrescentada num segundo tempo, mas traduz bem o seu pensamento. Ela dizia: «a minha vida é um caminho de confiança e de abandono».

O segredo de Teresa

«Aquilo que agrada ao Senhor na minha alma, é o amor que eu tenho pela minha pobreza e a confiança infinita na Sua Misericórdia. Eis o meu segredo». Com efeito, o conhecimento da sua pobreza, a aceitação alegre da sua miséria, as suas mãos vazias continuamente estendidas para Deus, faziam com que Deus «se precipitasse como uma torrente na alma de Teresa... Deste modo merecia as efusões da divina Misericórdia» (Pe. Maria Eugénio). A sua pobreza tornava-se na sua riqueza! A uma irmã que se queixava de ser tão pobre diante de Deus, Teresa respondia: «Ainda bem que é assim pobre diante de Deus: precisamente por isso receberá muito de Deus!». A pobreza espiritual – segundo Teresa – é a *capacidade de receber de Deus*. O abismo da miséria chama e atira para o abismo da misericórdia de Deus. A fraqueza humana pode tornar-se no material humano com o qual Deus faz os Seus santos.

Esta doutrina – «pequena doutrina» – mudou, de qualquer modo, a espiritualidade cristã, afirmava o Pe. Maria Eugénio. Trouxe à luz – ou talvez arremessou para a luz – a importância dos limites humanos, em quanto que reconhecidos e aceites, amados e oferecidos, na economia da salvação. Tudo aquilo que humanamente parece negativo pode realmente transformar-se em trampolim para atingir Deus, para lançar-se em Deus!

«Muitas vezes deixamo-nos bloquear por falsos obstáculos, obstáculos que são, antes, meios. Fechamo-nos a considerar a nossa falta de santidade... E não! Tudo isto é meio para purificar a nossa fé. A miséria que nos envolve, as chagas que levamos, as nossas fraquezas, a falta de virtude... tudo isto é meio. A nossa fé deve levantar-se, de qualquer modo, por cima de toda esta nossa miséria. Se esta pobreza não existisse, seria necessário, em certo sentido, criá-la, para poder apoiar-se nela e elevar-se para Deus...

«Se podemos gloriar-nos de alguma coisa, é precisamente da nossa miséria... da nossa indignação... Faz-nos ver e compreender, Senhor, que a fraqueza é uma condição do triunfo da graça... na nossa vida e no apostolado».

Quem teve – como nós – a sorte de escutar aquele hino à fraqueza, à pobreza espiritual, aos limites humanos que seduzem e apontam a misericórdia de Deus, não poderá jamais esquecê-lo. Esta verdade, apresentada por um grande amigo da pequena Teresa, fez brilhar uma luz e uma alegria indizíveis. É uma das maiores graças da nossa vida. Jamais alguém expôs com tanta clareza e tanta força, a importância daquilo que, à primeira vista, parece negativo, mas que pode, com um olhar de fé, transformar-se em meio poderoso de união com Deus. Esta verdade dá asas.

Outro ensinamento da nossa Santa que se imprime em quem a escuta, e que inverte totalmente as ideias correntes sobre a santidade: chegada já quase ao fim da sua vida, Teresa sofria muito, física e espiritualmente. Na enfermaria, perto da sua cama, estavam suas irmãs: a Madre Inês e a Ir. Genoveva. «Ir. Teresa – disse a Madre Inês – sofre muito, sofre tanto... E nunca se lamenta... Que paciência! Quanta virtude tem!» Então a nossa Santa reúne as poucas forças que lhe restavam e com um doce sorriso diz: «Não, engana-se sempre a meu respeito. Não tenho paciência, não tenho virtude. Cada vez que pratico a paciência, é Deus quem me dá. A paciência é d’Ele... Não é minha... Ele dá-me sempre aquilo de que necessito, e a cada momento. Não tenho virtude, não tenho qualquer reserva...».

Estas confidências de Teresa são extraordinárias precisamente porque apresentam um caminho de santidade que todos podem percorrer, em qualquer ambiente de vida, desde que o primado da acção de Deus seja reconhecido, respeitado e solicitado. Não somos nós a fazer-nos santos, com as nossas virtudes. É Deus que faz os santos, com a Sua graça e a Sua Misericórdia. Ele transforma e eleva o material humano, tornado maleável pela confiança e o abandono n’Ele.

Teresa é uma mestra genial da vida espiritual, uma de entre os maiores mestres espirituais de todos os tempos. O Pe. Maria Eugénio não estava em colocá-la ao lado de S. Bento, S. Tomás de Aquino, S. Francisco de Sales, Santa Teresa de Jesus e S. João da Cruz.

Santa Teresa do Menino Jesus soube apresentar-nos a santidade como ao alcance das nossas mãos. Para a realizar, a Misericórdia de Deus e a miséria do homem dão-se, por assim dizer, as mãos.

TERESA DO MENINO JESUS E A SUA FAMÍLIA

JEREMIAS CARLOS VECHINA

Introdução¹

A Igreja sempre insistiu, e hoje mais do que nunca, no carácter “natural” da família, afirmando não só a sua perenidade, mas colocando-a como prioridade perante outras instituições, como por exemplo o estado. Se a espécie humana quer subsistir conforme os planos que Deus dispôs na criação temos que defender a família. Para isso devemos ter presente que a família para conseguir a sua finalidade humanizante tem que fazer constantes “ajustamentos” da sua estrutura e das suas funções perante as variações sócio-históricas. Por isso mesmo a instituição familiar é um valor perene mas submetido aos condicionalismos históricos.

No Ano internacional da Família foram exaltadas diversas testemunhas de santidade conjugal. No dia 26 de Março de 1994 o Papa João Paulo II declarou canonicamente as virtudes heróicas de Célia Guérin e de Luis Martin, pais de Santa Teresa do Menino Jesus.

Já no longínquo 1923, o P. João Vicente de Jesus Maria, hoje servo de Deus, escrevia na revista por ele fundada: “O senhor Martin deve ser proposto como modelo a todos os pais cristãos”.² O senhor

¹Síglas usadas: as citações de Santa Teresa do Menino Jesus estão tiradas das *Obras completas*, Edições Carmelo, Paço de Arcos 1996, traduzidas do original: *Oeuvres complètes*, Editions du Cerf/Desclée de Brouver, 1992. *A, B, C* – Dizem respeito aos três manuscritos autobiográficos dedicados respectivamente à Madre Inês de Jesus, à Irmã Maria do Coração de Jesus e à Madre Maria de Gonzaga. *UC* – Últimas conversas ... *CT* – Cartas de Teresa. *PO* – Poesias

²*Obra Máxima*, Setembro (1923), 161s.

Martin “personifica plenamente o ideal santo da paternidade cristã. É espelho da autoridade unida à doçura, da piedade irmanada com a bondade, de uma constante fidelidade a todas as leis de Deus e da Igreja... Jamais se deixou vencer pelo respeito humano... A sua esposa rivalizava com ele na prática das virtudes. Activa, inteligente, generosa, com o seu exemplo e bondade derramava à sua volta o bom odor de Cristo e todos falavam da sua honestidade, caridade e devoção”.³

E não só estes pais devem ser exaltados, mas toda a família. O Carmelita francês, P. Filipe de la Trinité (+ 1975), voz autorizada na Sagrada Congregação do Santo Ofício, mais tarde Congregação para a Doutrina da Fé, da qual fazia parte como consultor, propugnou, convicto, por muito tempo, a ideia de uma canonização conjunta de toda a família Martin-Guérin, os pais com as quatro filhas religiosas, pois a Teresa já tinha sido canonizada. É desta família que vamos falar.

A família - escola de amor

Ainda não somos totalmente conscientes, tanto a nível popular como de pensamento, da importância que o amor tem na formação biológica, psicológica e espiritual da pessoa humana. O que o homem mais necessita para o seu desenvolvimento a todos os níveis é nutrir-se de amor. “Tudo o que possamos ser, o que realizamos, o que acreditamos, tudo depende do amor. Não só do que recebemos directamente, mas do amor que os nossos pais e avós receberam. O homem está constituído no amor”.⁴ Da nossa parte, o amor que damos não é mérito exclusivamente nosso, foi-nos “dado ao longo das gerações”.⁵

Apesar de o amor ser o tema mais celebrado na canção, na novela, no discurso filosófico e teológico, de ter constituído o princípio fundamental e o ponto de atenção de toda a religião, contudo os científicos modernos não lhe têm prestado a suficiente atenção, abstiveram-se de o tratar seriamente. Por isso mesmo o tema do amor é mais do que uma assinatura pendente, é uma nova estrutura que deve informar toda a aprendizagem.

P. Chauchard, depois de afirmar que o amor é “a nossa necessidade essencial”, escreve esperançado: “Chegará um dia em que o principal ensino

³ *Ib.*

⁴ J. ROF, *Rebelión y futuro*, Taurus, Madrid 1970, 317.

⁵ *Ib.*, 318.

prestado aos homens será esta ciência do amor”.⁶ E a primeira e insubstituível escola onde se faz a aprendizagem do amor é a família. A instituição familiar é o espaço adequado para a conformação do sujeito humano. “É escola do mais rico humanismo”,⁷ nela “coincidem distintas gerações e se ajudam mutuamente a conseguir uma maior sabedoria”.⁸ É aqui que se transmitem os grandes valores convertidos em projectos de vida.

Na família tem lugar a integração do **eu** e a realização da personalização integral do ser humano. “A presença e a influência dos modelos distintos e complementares do pai e da mãe (masculino e feminino), o vínculo do afecto mútuo, o clima de confiança, intimidade, respeito e liberdade, o quadro de vida social com uma hierarquia natural, mas matizada por aquele clima, tudo converge para que a família se torne capaz de plasmar personalidades fortes e equilibradas para a sociedade”.⁹ Na família abrem-se caminhos para o desenvolvimento da verdadeira relação interpessoal pela qual se consegue a estabilidade afectiva, uma vez que as relações entre os membros da comunidade familiar estão inspiradas e guiadas pela lei da “gratuidade”.¹⁰

Fundamentalmente a família define-se pela relação interpessoal. Está constituída por um “complexo de relações interpessoais – vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade – mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na “família humana” e na “família de Deus”.¹¹

Estas relações interpessoais fazem da família uma comunidade de pessoas em que a comunhão é a forma de vida e o princípio e força desta comunhão é o amor. Por isso a família é uma “íntima comunidade de vida e amor”.¹² Por meio deste amor familiar a pessoa humana vai fazer a experiência de Deus amor. Os pais são os primeiros deuses da criança.

A família Martin – “Terra santa”

Lê-se na biografia de S. Pio X que certo dia a Sra. Sarto, abeirando a sua aliança do anel pastoral de seu filho, o futuro Papa Sarto, exclamou:

⁶ P. CHAUCHARD, *Necesitamos amor*, Herder, Barcelona 1969, 20.

⁷ *Gaudium et spes*, 52, 1.

⁸ *Ib.*, 52, 2.

⁹ *Documentos de Medellín*, III, II, 1

¹⁰ Cf. *Familiaris consortio*, 43.

¹¹ *Ib.*, 15.

¹² *Gaudium et spes*, 48, 1.

“Sem esta não terias conseguido esse”.¹³ O mesmo podemos dizer de Teresa do Menino Jesus. Sem a atmosfera, o ambiente patriarcal da Rua de S. Brás e dos Buissonnets a ascensão da Carmelita de Lisieux não teria sido tão directa. Por isso mesmo ela começa a sua história dizendo: “A Flor que vai contar a sua história alegra-se por ter para apreço as delicadezas absolutamente gratuitas de Jesus... Foi Ele que a fez nascer numa terra santa e como que toda impregnada de um *perfume virginal*. Foi Ele que a fez preceder de oito Lírios resplandecentes de brancura” (Ms A 3v). Teresa de Lisieux fala da sua família como “terra santa... impregnada de um *perfume virginal*”.

São muito raros os grandes santos que se destacam sozinhos e como desligados do torrão familiar. O mais normal é chegar à vida mística, inspirando-se no ambiente do lar. E Teresa não faltou à regra. Ela foi escolhida por Deus para ensinar ao mundo a arte de santificar a vida ordinária, a grandeza das coisas pequenas, a vida do amor que tudo dignifica e engrandece. Ela ensinou, mas por sua vez aprendeu e fê-lo na escola da sua família. O nascimento da sua grandeza está precedido por uma ascendência de cristãos exemplares. Sobre o seu berço debruçou-se o rosto de muitos santos.

O Cardeal Mercier exclamava com alegria ao encontrar aqui uma pauta providencial: “Que felicidade a minha, ao saber que Santa Teresa do Menino Jesus é a recompensa dum família modelo! É preciso não cessar de repetir isto por todas as partes”.¹⁴

1. *Luzes e sombras*

A família de Teresa teve e tem grandes admiradores mas também conheceu grandes detractores. Entre os admiradores, que são muitos, destacamos o historiador Stéphane Piat, o teólogo e pensador Von Balthasar e o médico Dr. Robert Cadéot. Entre os segundos sobressaem Maurice Privat, o P. Ubaldo de Alenzon e J. F. Six. Este último é o mais controverso e submete Teresa, bem como a sua família, a um exame psicanalítico. Enquanto a santa sai ilesa, a família fica muito mal parada. O capítulo primeiro da obra tem como título: **O lar Martin: um mundo de morte**; e o segundo: **O meio ambiente: uma atmosfera lúgrube**. Isto diz tudo o que é e pretende o autor. Teresa é uma excepção;

¹³ S. J. PIAT, *Historia de una familia*, Monte Carmelo, Burgos 1950, 9.

¹⁴ *Ib.*, 10.

aparece como um génio da natureza, que rompe “com uma época, com uma cidade, com um meio e com uma família profundamente mórbidos”.¹⁵

A esta obra responderam historiadores e psicanalistas. Uns acusam o autor de falta de objectividade histórica. Partindo de uma ideia preconcebida selecciona os textos e os factos, deturpando uns e silenciando outros. Os psicanalistas não estão de acordo com o diagnóstico e contestam o valor científico de uma psicanálise de mortos. A psicanálise faz-se com pessoas vivas e não a partir de ficheiros ou arquivos.

Hoje, graças à edição crítica das Obras de Santa Teresa do Menino Jesus, realizada por ocasião do Centenário do seu nascimento, temos à nossa disposição meios para fazer justiça a esta família.

2. *Célia Guérin*

Célia nasceu a 23 de Dezembro de 1831. Foram seus pais Isidoro Guérin e Luísa Joana Mace. Deste casal nasceram três filhos; duas raparigas e um rapaz: Maria Luísa e Célia, nascidas com dois anos de diferença e Isidoro com dez anos. Este viria a ser o mimado da casa.

Desde o berço, Célia recebeu uma dupla herança: a tradição religiosa e o valor castrense. Como era de constituição delicada esteve muitas vezes doente, principalmente, entre os sete e doze anos; sofreu o martírio de incessantes enxaquecas e chegou mesmo a crise mais grave.

O pai era o homem bom em pessoa, duma rectidão proverbial e dum desenvolvido sentido cristão. Embora de formação castrense amava as suas filhas e elas correspondiam a esse amor. Os sofrimentos vieram-lhe da parte da mãe, mulher de uma fé de transportar montanhas, mas com pouca psicologia própria dos educadores natos. Apesar da sua verdadeira ternura maternal, por falta de sentido pedagógico, choca dolorosamente com a filha adornada de uma excepcional delicadeza.

Esta criança parece ter crescido privada um tanto das carícias infantis. Uma vez que nem sempre encontrava eco na sua mãe isto levou-a a criar uma profunda amizade com a sua irmã mais velha. O pai, que nunca rejeitou esforços para dar uma boa formação aos seus filhos, confiou as duas filhas, como externas às religiosas dos Sagrados Corações que gozavam na região de grande prestígio. Célia recebeu ali esmerada educação e formação do qual dá provas mais tarde no seu epistolário.

¹⁵ J. FRANÇOIS SIX, *La verdadera infancia de Teresa de Lisieux*, Herder, Barcelona 1982, 227.

Ela recordará ao seu irmão, como em brincadeira, os sucessos de tempos idos: “Então alcancei o primeiro prémio na redacção. E em onze composições, alcancei dez vezes o primeiro prémio, e, por isso mesmo, pertencia à primeira divisão e à classe superior, sendo como uma juiz da capacidade das outras”.¹⁶

Tinha grandes desejos de ser santa: “Quero ser santa. Não vai ser fácil. Há muito que devastar, e o tronco é duro como a pedra”.¹⁷ Dirige para Deus todo o seu potencial afectivo, mas o seu temperamento vivaz e a sua ternura cheia de misericórdia leva-a para os doentes e os pobres. Para isso procura as Irmãs de S. Vicente de Paulo. Acompanhada de sua mãe apresenta-se no hospital de Alençon e revela os seus desejos e vontade de ser religiosa à superiora. Esta responde que tal não é a vontade de Deus.

Perante tão categórica resposta, Célia baixa a cabeça com tristeza e eleva ao céu esta súplica: “Meu Deus, já que não sou digna de ser vossa esposa... aceitarei o Matrimónio para cumprir a vossa santa vontade. Então dai-me, vos peço, muitos filhos, e que todos se consagrem a Vós”.¹⁸

3. *Luís Martin*

Luís Martin nasceu a 22 de Agosto de 1823 em Bordéus. Foi seu pai Pedro Martin, capitão do exército que desposou a segunda filha do capitão Boureau, Maria Ana Fanil. Desta união nasceram cinco filhos: Pedro que morreu muito jovem num naufrágio, Maria, falecida aos 22 anos, Luís, Fanny que se ausentou da terra aos 26 anos e, finalmente, Sofia, morta aos 9 anos. De Luis disse o santo arcebispo de Bordéus, em tom profético: “Alegrai-vos! Este menino é um predestinado!”.¹⁹

A profissão de militar de Pedro Martin levou a família de Bordéus para Avignon e daqui para Estrasburgo, onde o capitão Martin exerceu o cargo de ajudante de campo do Estado Maior. Ao chegar o tempo da reforma, 12 de Dezembro de 1830, retirou-se para a Normandia, concretamente, Alençon, onde encontraria melhores meios para a formação e colocação de seus filhos. Uma senhora da classe alta, que o conheceu muito de perto e nutria por ele uma grande consideração, dizia no locutório de Lisieux às suas netas: “Que santos existem na vossa família!”.²⁰

¹⁶ Carta de 12/11/1863.

¹⁷ Cf. GUY GAUCHER, *Así era Teresa de Lisieux*, Monte Carmelo, Burgos 1996, 13

¹⁸ S. J. PIAT, *o.c.*, 51.

¹⁹ *Ib.*, 24.

²⁰ *Ib.*, 25.

Confidentes do capitão Martin testemunharam a emoção que sentiam quando o ouviam rezar o **Pai-Nosso**. Na tropa muitos de admiravam de o ver tanto tempo de joelhos durante a Missa. E interpelado ao respeito respondia: “Dizei-lhes que o faço, porque creio”.²¹

Os pais procuram, diligentemente, a educação de Luís. Embora pareça não ter frequentado o ensino secundário, iniciou-se suficientemente na aprendizagem do francês, de tal maneira, que pode apreciar o mérito dos livros selectos e dar-se ao estudo pessoal dos autores clássicos.

Apesar de ser filho de militar e de família de militares, dado à aventura, escolhe uma profissão de vida sedentária. A sua sensibilidade de artista, que aparece nos seus desenhos de rasgos firmes, levou-o para trabalhos primorosos. Dedicar-se-á a cinzelar objectos de valor. Durante a sua permanência em Rennes preparou-se para a arte de relojoaria. E nos anos de 1842 e 43 encontramo-lo na capital da Bretanha, em casa dum primo carnal de seu pai que exercia essa profissão. Daqui empreende uma viagem, escalando as montanhas da Suíça, chegando a Berna, dez dias depois. Regressa por Bale a Estrasburgo. Aqui o turista converte-se em peregrino, abeirando-se do célebre mosteiro do grande S. Bernardo. A arte de relojoaria exige muita aplicação, uma longa aprendizagem e repetidas experiências. As relações que os seus familiares conservavam em Estrasburgo proporcionaram-lhe essa possibilidade.

Pelos primeiros dias de Outono de 1845 Luís Martin acaba de cumprir 22 anos. É o momento de optar: ou pelo matrimónio ou pelo sacerdócio. Preferiu o claustro. Abeirou-se do mosteiro de S. Bernardo de Estrasburgo. O Prior recebeu Luís afavelmente, dialogou com ele sobre os motivos da sua viagem, sobre a sua família e os seus antepassados. Luís não tinha cursado o ciclo da formação clássica, o que era um inconveniente. E ao saber que o conhecimento da língua latina era indispensável ficou decepcionado. Ainda fez tentativas mas foram infructíferas. Uma doença obrigou o jovem a deixar os seus amados livros e a dedicar-se a ocupações menos absorventes. Viu neste acontecimento uma indicação providencial e dedicou-se novamente à sua arte. Esta leva-o até Paris onde permanece pelo espaço de uns três anos. A sua estada em Paris – a moderna Babilónia – foi uma grande prova para a fé de Luís.

Deixando Paris instala-se em Alençon, em casa de seus pais, onde estes têm uma relojoaria e joalharia. De temperamento tranquilo e

²¹ *Ib.*

meditabundo leva durante oito anos uma vida de trabalho, somente interrompido pela pesca que é o seu “passatempo favorito”, a caça e as veladas com jovens do Círculo Católico, fundado por um amigo seu. Apesar de perder boas vendas, nunca abre a sua loja aos Domingos. Não se envergonha da sua fé. Vai vários dias da semana à Missa, à adoração nocturna, participa em peregrinações. É um rapaz elegante, olhos claros, porte afável, requisitos que não deixam indiferentes as raparigas de Alençon, mas ele parece ignorá-las. A compra do Pabellon ainda mais o isola, pois aí se retira muitas vezes para ler, meditar e cuidar do jardim.

A senhora Martin vive preocupada com o seu filho; são 34 anos e ainda solteiro. Durante um curso, por ela frequentado, para aprender a técnica do ponto de Alençon fixou-se numa jovem, amável e muito cristã, bem dotada para esta arte, que tornou famosa Alençon em toda a Europa. Esta seria a ideal para Luís.

4. *O casal Martin*

O encontro entre Luís Martin e Célia Guérin deu-se, não por iniciativa dele mas dela. Todos os biógrafos estão de acordo que Célia o encontrou numa ponte e teve a inspiração divina de que aquele homem estava destinado a ser seu marido. Reconheceu que tinha afinidades com aquele homem afável, embora solitário. Transcorridos três meses estavam casados.

A sua vida matrimonial começa de uma maneira muito surpreendente: Luís propõe a sua mulher viver como irmão e irmã. Ela aceita a proposta e, assim viveram durante dez meses até que um confessor os fez mudar de ideias. E fizeram-no de um modo tão radical que entre 1859 e 1870 tiveram nove filhos. Nestes anos os nascimentos e mortes alternam-se a um ritmo acelerado. Nesta segunda metade do século a mortandade infantil é uma praga. Em três anos e meio, os Martin perdem três filhos pequenos e uma linda menina de cinco anos e meio. A estas mortes devemos somar, mais ainda, a dos pais e sogro de Célia entre 1859 e 1868. Agora compreende-se que ela tenha escrito ao nascer a sua última filha: “Tenho sofrido muito na minha vida”.²²

5. *Alençon*

O casal Martin no momento do casamento põe em comum 34.000 francos, duas casas e o Pabellón. A senhora Martin continua com a sua

²² GUY GAUCHER, *o.c.*, 14.

indústria de rendas. Tem nada menos que umas 20 empregadas a quem treina na arte. Faz modelos, fornece desenhos, recebe encomendas, discute com os fregueses e fornecedores. Montou uma indústria caseira que não tardou a ser bastante rentável. É mulher cheia de energia e capacidade, boa esposa, modelo de mãe. Tudo isto realizava com impressionante harmonia. O marido não tem o seu despacho e iniciativa. Ela, praticamente, é tudo. Mas reconhece a grandeza de alma de Luís. “O meu marido é um santo, e eu queria um como ele para todas as mulheres do mundo. Não se pode encontrar um sobre cem que seja tão bom como ele”.²³ Vemos através das suas cartas que Célia tem “um coração carinhoso e terno, uma natureza viva e graciosa, sagaz, com dons de observação, e uma mãe feliz, inteiramente dedicada aos filhos apesar de todos os outros afazeres”.²⁴ Pelo bem-estar do marido e dos filhos ela ocultou-lhes durante dezasseis anos a sua grave doença. Desde jovem que sofre do peito. A doença degenerou gradualmente em tumor maligno. Quando começou a preocupar-se já era tarde demais, mas nem assim reduziu a sua intensa actividade. A mais nova das filhas era a sua preocupação. “Se Deus me concedesse a graça de criar a menina (Teresa), educá-la seria um prazer. Gosto dos filhos com loucura. Nasci para os ter, mas isto terá que terminar, brevemente. Cumprirei quarenta e um anos a 23 deste mês, é a idade de ser avó”.²⁵

Luís Martin vendeu o seu negócio a um sobrinho e dedicou-se ao que a mulher tinha montado. Começou a trabalhar como viajante, nas compras e na escrituração.

Alençon tem nesta época 16.000 habitantes. Abundam as oficinas de rendas, de tela de cânhamo, três dias de mercado por semana, sete feiras no ano. É uma cidade com muitos atractivos. A família Martin, considerada como fazendo parte da pequena burguesia, nutre um carinho especial por esta cidade tão próxima da vila rural. Teresa viveu aqui, apenas, três anos e meio, mas foram anos decisivos.

Família Martin - escola de virtudes

Teresa ao recordar os anos da sua infância escreve: “Como os passarinhos aprendem a **cantar** ouvindo os pais, assim as crianças

²³ *Correspondance familiale*, 1863-1877, Carmel de Lisieux, 1958, 14.

²⁴ IDA GORRES, *Teresa de Lisieux*, Aster, Lisboa 1961, 39.

²⁵ GUY GAUCHER, *o.c.*, 15.

aprendem a ciência das virtudes, o **canto** sublime do Amor divino, junto das almas encarregadas de as formar para a vida” (Ms A 53r).

No escudo de armas, por ela pintado, aparece uma flor sobre uma terra verdejante. A flor é ela e a terra verdejante a sua família (Cf. Ms A 85v). As vivências mais profundas e as experiências positivas de Teresa têm as suas raízes no seio da sua família. Por isso mesmo não podemos falar de Teresa sem falar da família, nem desta sem falar da santa. Mais tarde, já madura espiritualmente reconhecerá muito agradecida: “Com uma natureza como a minha, se tivesse sido educada por Pais sem virtude... ter-me-ia tornado muito má e talvez me tivesse perdido ... Não tenho à minha volta senão bons exemplos, queria, naturalmente, imitá-los” (Ms A 8v).

Teresa interroga-se muitas vezes como é que Deus lhe deu uma família assim. “Pergunto-me porque razão me concedeu Deus a graça de pertencer a uma família tão boa” (CT 172).

Teresa, ao abrir os olhos a esta vida, sente à sua volta uns seres que transpiram amor, alegria e solidariedade. Ao recordar a sua infância escreve: “Aproveu a Deus rodear-me de amor toda a minha vida. As minhas primeiras recordações estão marcadas pelos mais ternos sorrisos e carícias!...Mas, se colocou junto de mim muito amor, também pôs muito dentro do meu coraçãozinho, criando-o amante e sensível, e assim eu amava muito o Papá e a mamã e testemunhava-lhes a minha ternura de mil maneiras, pois era muito expansiva” (Ms A 4v). E numa das suas poesias dirá. “Deus pôs à minha volta uma cerca de amor” (PO 18).

1. *Pais incomparáveis*

O adjetivo que Teresa usa para qualificar os seus pais é “incomparáveis”. “Tenho a felicidade de ter uns pais incomparáveis”(Ms A 4r); “o meu coração, aliviado pela bondade com que o meu incomparável pai...”; “Depois de ter abraçado todos os membros da minha querida família, ajoelhei diante de meu incomparável pai, pedindo-lhe a benção” (Ms A 69r). “Jesus queria, no seu amor, fazer-me conhecer a mãe incomparável que me tinha dado” (Ms A 4v).

Dois meses antes de morrer, Teresa escreve ao P. Bellière dizendo: “Deu-me Deus um Pai e uma Mãe mais dignos do Céu do que da terra. Pediram ao Senhor que lhes desse muitos filhos e que os tomasse para Ele. Este desejo foi ouvido. Quatro anjinhos voaram para o Céu e as cinco filhas que ficaram na arena tomaram Jesus por Esposo” (CT 261).

2. Pais “sacramentos” de Deus

Deus sempre foi para o homem algo inacessível e inabordável em si mesmo. Mas ao mesmo tempo também é considerado como próximo e condescendente com os desejos, orações e sacrifícios das pessoas. A Ele se pode chegar não por meio do discurso e raciocínio, mas pela tomada de consciência das nossas experiências ou vivências humanas mais profundas que estruturaram a dimensão religiosa. “O acesso a Deus é possível unicamente se, desde o princípio, se tem uma experiência verdadeira e imediata de algo absoluto, já seja no campo da ética ou no da verdade. Se o absoluto não nos está presente desde o começo, serão inúteis todos os esforços para o alcançar”.²⁶

Entre essas experiências ou vivências fundamentais devemos contar, sem sombra de dúvida, o amor, dada a importância que esta experiência ou vivência tem na gênese e constituição da pessoa humana. Teresa tem uma forte experiência de amor. Tudo à sua volta respira amor. Ela observa como se processa a vida de amor para descobrir e falar de Deus.

O casal Martin não fez do seu lar um convento, mas uma família cristã, “sacramento” da “família de Deus”. Para isso foram configurando todas as relações familiares e todos os acontecimentos naturais e cristãos numa maneira tão clara e simbólica em ordem a Cristo e à Igreja, orientados tão abertamente a Deus, que na mais terrenal vida diária se tornava visível e sensível uma realidade nova. A família Martin era imagem da sagrada Família, modelo, por sua vez, da família sobrenatural de Cristo: “Aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mt 12,50).

Esta família, em que Teresa nasceu e cresceu, era um lugar de santidade, e em virtude da realidade simbólico natural da família, aprendeu a ler e entender, imediatamente, em imagens carnis, naturais e terrenas o que é a santidade de Deus e da Igreja. Os pais de Teresa não são “cristãos burgueses”, embora pertençam à pequena burguesia, mas pessoas profundamente piedosas, cuja religiosidade brota de fonte viva, pois procuram com toda a sinceridade do seu coração a vontade de Deus e o seu cumprimento. Nesta família não há tibieza nem formalismo. O que pode incomodar ou parecer mal é fruto da época.

²⁶ D. SCHELTENS, cit. por MANUEL CABADA, *La vigencia del amor*, San Pablo, Madrid 1994, 263.

“Teresa nasce dentro dum mundo familiar, que se converte para ela, imediatamente e de um modo permanente, numa imagem do céu. Na família, nas suas leis, relações e acontecimentos, ela aprende como numa cartilha ilustrada, a deletrear as realidades do cristianismo. Tudo é, neste livro, concreto, tudo fala imediatamente, de modo inteligível; está composto naquela língua que Deus inventou propriamente para os meninos pequenos. Não há perigo que a criança fique por muito tempo parada na letra e não penetre o espírito e o sentido que nela late. A imagem brilha, a letra significa, e a criança aprende imediatamente o sentido, contemplando a imagem e ouvindo a palavra. Uma contemplação simbólica, uma compreensão de conjunto precede no desenvolvimento ao pensar abstrato e garante a recta orientação do despertar do espírito. O mundo é um sacramento total, o fenoménico nele é um símbolo eficaz do espírito de Deus que actua através do fenómeno e da matéria”.²⁷

Embora sobre a mãe Teresa não tenha muito que contar, pois morreu quando ela ainda não tinha 5 anos (4 e 8 meses), contudo imprimiram-se no seu coração rasgos desta figura amada. Ela guardará recordações indeléveis da sua mãe. O seu sorriso e o seu olhar profundo ficarão gravados para sempre na sua memória.²⁸ “Ah! como o coração de uma mãe é delicado! Como traduz a sua ternura em mil cuidados previdentes nos quais ninguém pensaria!...” (Ms A 6v). É tão profunda a marca que a mãe deixa na vida de Teresa que a levará a compreender o amor maternal de Deus. Quando ela escreve: “Deus é mais terno que uma mãe” (Ms A 80v), está por detrás a experiência de carinho de sua mãe.

“O centro da família é o pai. O pai, humanamente tão venerado, querido, quase divinizado, que é para Teresa a unidade imediatamente dada e jamais desaparecida da autoridade e do amor. Na relação com o seu pai, a quem nem por um momento jamais temeu, aprende Teresa que obediência e amor formam indiscutivelmente um todo e que, no fundo, são uma mesma coisa. Na autoridade do pai, aprende a compreender o que é a autoridade de Deus. Ela olha o seu pai, o pai olha a Deus e assim aprende por seu intermédio a olhar a Deus”.²⁹

Durante um sermão o pai inclina-se para ela e diz-lhe: “Escuta bem, minha rainhazinha, estão a falar da tua Santa Padroeira”. Escreve

²⁷ VON BALTHASAR, *Teresa de Lisieux. Historia de una misión*, Herder, Barcelona 1989, 120s.

²⁸ “Da Mamã encantava-me o sorriso; / O seu profundo olhar parecia dizer: / ‘A Eternidade deslumbra-me e atraí-me.../ Irei para o Céu azul / Ver a Deus!...’ ” (PO 18).

²⁹ VON BALTHASAR, *o.c.*, 121.

ela: “Ouvia bem, com efeito, mas olhava mais vezes para o Papá que para o pregador; o seu belo rosto dizia tantas coisas!... Às vezes os olhos enchiam-se-lhe de *lágrimas* que em vão se esforçava por conter. Parecia já nada o prender à terra, tanto a sua alma gostava de mergulhar nas verdades eternas...” (Ms A 17v). E nas orações da noite, Teresa coloca-se sempre junto de seu pai: “Não tenho senão que olhar para ele para saber como rezam os santos...” (Ib.).

Era tal a união e compenetração que existia entre ela e seu pai, que Teresa escreve à raiz da morte dele: “Nosso Senhor levou-nos aquele que com tanta ternura amávamos..., mas, acaso não foi para que pudéssemos dizer verdadeiramente: *Pai nosso que estás nos céus?*” (CT 188). Este pai converteu-se para as suas filhas na imagem imediata de Deus Pai. A imagem do pai reflecte o amor paternal daquele de quem toda a paternidade toma o seu nome. “Quando penso em ti, querido Paizinho, penso naturalmente em Deus, porque me parece que é impossível encontrar nesta terra alguém mais santo do que tu” (CT 58).

3. *O pai – imagem de Cristo sofredor*

Esta imagem do pai somente adquire plena transparência do rosto de Deus quando o mistério da dor começou a envolver este santo varão. Certo dia ao chegar a casa, depois de visitar a igreja de Nossa Senhora de Alençon, esmagado por tantas consolações vividas, conta às suas filhas a oração feita: “Meu Deus, já é demais, eu sou feliz demais, assim não é possível ir para o céu. Eu quero sofrer alguma coisa por vós... E eu ofereci-me para ser vítima”.³⁰

Deus que ouve as orações, antes que elas sejam feitas, já tinha mostrado a Teresa, numa visão profética, o futuro sacrifício de seu pai (cf. Ms A 20r ss). Nessa visão ela vê no jardim a figura de seu pai com a cabeça coberta, visão que tanto a surpreendeu que nem ela nem as suas irmãs foram capazes de discernir o seu sentido. Quando seu pai se afunda na demência, a dor das filhas é comovedora. A partir deste momento vão encontrando o sentido da visão. Ao princípio desta doença viam-no cobrir-se muitas vezes a cabeça. Foi internado na casa de saúde de Caen e ali se consome durante anos sem consolação.

A partir daqui já não é Deus Pai, mas o Seu Filho Jesus, que se torna visível na velada face dolorosa de seu pai. “Até nos seus anos de

³⁰ Cf. VON BALTHASAR, *o.c.*, 122.

convento, a imagem e destino de seu pai carnal se converte para Teresa em representação sensível dos mistérios divinos”.³¹ Esta visão profética do pai é a do justo oferecido e aceite como vítima pelas faltas dos seus semelhantes, os pecadores. Ela traz-lhe à memória a visão de Isaías, a do servo de Javé do qual Teresa vai extrair o profundo da sua piedade. A visão profética de seu pai e a do justo macerado de Isaías correspondem-se e ajudam-na a penetrar o verdadeiro carácter do Messias e os mistérios inefáveis ocultos na Santa Face do Salvador. Diz uma das suas irmãs: “Foi no Carmelo, no momento de tão grande provação, relativa à doença cerebral de meu pobre pai, que ela mais se prendeu ao mistério da Paixão, foi então que obteve licença de juntar ao seu nome o da Santa Face. Enfim, depois da sua morte, creio que foi ela quem inspirou à Irmã Genoveva a obra prima da Santa Face, conforme ao Santo Sudário de Turim”.³²

O P. Petitot põe de relevo a íntima relação desta visão e toda a mística da face oculta que floresceu posteriormente na vida de Teresa. E isto é essencial para o que vamos dizendo: Teresa não recebeu esta contemplação no original, ou seja em Cristo, mas na cópia do seu pai. Este é o real simbolismo sacramental. “Como a Face Adorável de Jesus que foi vendada durante a sua Paixão, assim a face do seu fiel servidor devia ser vendada nos dias das suas dores, a fim de poder resplandecer na Celeste Pátria ao pé do seu Senhor, o Vervo Eterno!...” (Ms A 20v).

Teresa sente-se totalmente inserida no drama que passa diante dos seus olhos: “Ah! Como o de Jesus, eu queria que ‘o meu rosto ficasse verdadeiramente escondido; que ninguém na terra me reconhecesse’. Tinha sede de sofrer e de ser esquecida” (Ms A 71r).

Na sua relação com Deus tudo foi absolutamente pessoal, nada puramente formal. Mesmo quando se obedece, obedece-se por amor a uma pessoa e não à lei. “Ser boa na pequeno mundo de Teresa, queria dizer uma só coisa: fazer a vontade ao pai e dar alegria à mãe. Desobediência (culpa) era apenas isto: tornar os pais tristes. A contrição (arrependimento) e o perdão apagavam inteiramente todas as faltas, instantaneamente, sem reservas. Essa foi a sua experiência ética (moral), que havemos de ver projectada ao longo de toda a sua vida”.³³ Só o pensar ter desgostado os seus queridos pais era para ela insuportável.

³¹ *Ib.*, 123.

³² H. PETITOT, *Santa Teresa de Lisieux*, União Gráfica, Lisboa 1953, 114.

³³ I. GORRES, *o.c.*, 52.

O temor ao castigo não desempenha papel algum na sua vida. O desenvolvimento da consciência começa com uma obediência que é livre, porque é amor. “Se Deus me ralhar, mesmo só um pouquinho, não chorarei de enternecimento... mas se Ele não me ralhar mesmo nada, se me acolher com um sorriso, então chorarei...” (UC 21 de Julho).

Teresa e as suas irmãs

É preciso recordar algo que anda muito esquecido nas sociedades avançadas da nossa época, o direito de toda a criança a ter irmãos. “Os irmãos que pareciam estorvar-nos tanto em alguns momentos da nossa infância, ensinaram-nos a praticar a generosidade e a tolerância, a actuar em equipa, a tomar em consideração a decisão dos outros; a comprovar que a fidelidade partilhada se multiplica, enquanto que a dor se suporta melhor; a dar-nos conta bem cedo de que embora criados no mesmo lar temos gostos, costumes e ideias diferentes, que devemos respeitar. O afecto e o amor de irmãos somente o podem compreender plenamente aqueles que tiveram o privilégio de o experimentar”³⁴.

Teresa teve o privilégio de contar com muitos irmãos: quatro que não chegou a conhecer, mas estavam muito presentes no seu coração e outras quatro. É difícil supor o que teria sido Teresa sem o calor grande e terno de Maria, Paulina, Leónia e Celina. Cada uma delas desempenhará o seu papel no desenvolvimento da irmã menor. Não há dúvida nenhuma que a maior influência vem de Paulina, sem esquecer a Celina que foi a companheira da sua infância.

1. Morte da mãe

Célia morre de cancro à idade de 46 anos. Mulher inteligente e fora do comum enfrenta a hora da morte com grande realismo e impressionante lucidez. Ela confia a direcção da casa e a educação das duas mais pequenas a Maria e Paulina.

Aquilo que mais a preocupa não são as duas mais pequenas. A espinha mais dolorosa que leva no seu coração é o futuro da Leónia. A menina de cabelos loiros e olhos azuis claros tem sido vítima da criada. Célia fez tudo o que estava ao seu alcance, pôs em acção todo o carinho

³⁴ I. AGUILAR - H.GALBES, *Vida, Amor y Sexo*, Ed. Safeliz, Madrid 1990, T. IV, 1126.

e ternura de que é capaz uma mãe para a recuperar. Leónia é um sinal negro na família Martin.

Teresa na plenitude humana e espiritual da sua vida, intentará, com longas e preciosas cartas transmitir-lhe o melhor da sua mensagem de amor e confiança. Por fim, Leónia chegará a vislumbrar o caminho do amor traçado pela sua mãe e vivido até ao limite por Teresa.³⁵

2. “A minha mãe será Paulina”

No momento da morte da mãe, Maria tem 17 anos, Paulina 16, Leónia 14, Celina, 8 e Teresa 4. No mesmo dia do funeral da mãe, as cinco irmãs estavam reunidas em sua casa. Olhavam-se com tristeza até que a criada rompe o silêncio e dirigindo-se para as duas mais pequenas, exclama: “Pobres pequenas, já não tendes mãe!... Então a Celina lançou-se nos braços da Maria, dizendo: – Pois bem! Tu serás a mamã. Eu estava habituada a fazer como ela, mas voltei-me para vós, minha Madre, e, como se o futuro tivesse já rasgado o seu véu, lancei-me nos vossos braços, exclamando: Pois bem! para mim a Paulina será a mamã!...” (Ms A 12v e 13r).

Paulina é uma verdadeira Guérin. Morena e a mais baixa das irmãs. Dinâmica, muito feminina, hábil para as relações sociais. Empreendedora e decidida perante os obstáculos. Inteligente. Tanto física como espiritualmente é a cópia fiel da mãe; também é a sua preferida.

Desde a sua mais tenra infância o ideal de Teresa tinha sido Paulina (Cf. Ms A, 6v). Por isso, instintivamente a escolhe por mãe. Em Paulina tornará a encontrar, a pequena, o eco vivo de sua mãe, doutra maneira não teria chegado a ser a santa que hoje conhecemos. Soube encher com inteligência e delicadeza o vazio do coração por morte da mãe. Na plenitude da sua vida Teresa escreverá: “às vezes pergunto a mim própria como conseguistes educar-me com tanto *amor* e delicadeza, sem me estragardes com mimo, pois a verdade é que não deixáveis passar uma única imperfeição. *Nunca* me ralháveis sem razão; mas nunca voltáveis atrás após haverdes tomado uma decisão” (Ms A 18v).

Há um outro facto que ajuda a amortizar o golpe que supõe a morte da mãe. Luís Martin, aconselhado pelo seu cunhado e as suas duas filhas mais velhas, decide deixar Alençon e trasladar-se para Lisieux.

³⁵ Cf. ANTONIO OLEA, *Creer amando*, Monte Carmelo, Burgos 1996, 26.

Aos dois meses da morte da sua esposa o senhor Martin e as suas cinco filhas encontram-se instalados numa preciosa casinha com um belo jardim. Os laços familiares com os tios e as primas tornam-se mais íntimos e tudo ajuda a superar qualquer trauma. Teresa recebe com alegria a mudança: “Não senti nenhuma pena ao deixar Alençon; as crianças gostam da mudança, e foi com gosto que vim para Lisieux” (Ms A 13v).

Ninguém, para além de seus pais, influenciou tanto a vida de Teresa como Paulina. Muitas intuições de Teresa têm a sua origem em Paulina. Paulina propõe os grandes ideais da fé e Teresa leva-os à prática. Para ela a sua irmã Paulina é “como essa andorinha que se vê sempre à frente das suas companheiras e que no ar traça o caminho” (CT 216); é “o anjo que Jesus enviou diante de mim para preparar-me o caminho” (CT 229). “Fazeis-me maior bem que todos os livros do mundo”, escreverá Teresa numa das suas últimas cartas (CT 203).

3. *Teresa e a sua irmã Maria*

Maria é a irmã mais velha, a preferida de seu pai, a que assumirá a direcção da casa depois da morte da mãe. Ela joga um papel importante na vida de Teresa, mas um papel diferente de Paulina. A sua presença foi vital, principalmente, na doença dos escrúpulos (cf. Ms A 41v). É a Maria que devemos, pelo menos indirectamente, a redacção da **História de uma alma**.

4. *Teresa e a sua irmã Celina*

O quadro não ficaria completo se não falássemos do amor de Teresa a Celina, a sua irmã predilecta. Celina é ao mesmo tempo irmã e amiga, a íntima do coração que abre à pequena Teresa os segredos inebriantes da pura amizade humana em Deus.

Embora as cartas comecem só com a sua entrada no Carmelo, manifestam um amor que já vem detrás. “Querida irmã, a tua Teresa compreendeu toda a tua alma, leu nela ainda mais do que tu lhe escreveste. Compreendi a tristeza de Domingo, senti tudo... Parecia-me ao ler que a mesma alma nos animava, há entre as nossas almas alguma coisa tão sensível, que se assemelha tanto. Sempre estivemos unidas; as nossas alegrias, as nossas tristezas, tudo foi comum. Ah! sinto que isto continua assim no Carmelo, nunca, nunca nos separaremos” (CT 57). Outra vez, depois de ter derramado o seu coração, escreve: “Perdoa-me, precisava de ter ainda contigo uma conversa como as de outrora. Mas esse tempo não

passou, continuamos sempre a ser a *mesma alma*, e os nossos pensamentos são os *mesmos* que eram às janelas do belveder...” (CT 65).

Um ano, depois de entrar no Carmelo, escreve: “Celina!... Este nome querido ressoa docemente no fundo do meu coração!... Os nossos dois corações não se harmonizam um com o outro perfeitamente?” (CT 85). “Celina! como falo bem contigo... é como se falasse com a minha alma... Celina, parece-me que a ti posso dizer tudo...” (CT 96). “Celina, tudo o que tenho a dizer-te, tu sabe-lo, porque tu és eu...” (CT 108). “Nunca (fomos) senão uma só alma” (CT 127). “Oh! Celina, amemos a Jesus até ao infinito e dos nossos dois corações façamos apenas um para que Ele seja maior em amor!... Celina, contigo nunca mais acabaria, compreende tudo o que gostaria de dizer pelos teus vinte e dois anos!... A tua irmãzinha que é só uma contigo” (Ib.). “Parece-me que estes quatro anos (de Carmelita) apertaram mais ainda os laços que nos uniam tão intimamente. Quanto mais avançamos na vida mais amamos a Jesus, e como é nEle que nos queremos bem é por isso que a nossa afeição se torna tão forte, que é antes *A unidade* do que a união que existe entre as nossas duas almas!...” (CT 132).

Conclusão

Como conclusão podemos dizer: Teresa desperta num mundo de santidade. Sente uma grande admiração pelo ambiente familiar. Somente vê a parte bela. E tem o sentimento de que todo este ambiente foi construído por Deus para nutrir e guardar as “tenras e raras plantas” que dentro dele crescem.

Tudo está aberto a Deus, tudo fala de Deus e conduz a Deus. Deus é o mistério que enche a vida dos pais e das irmãs. A família de Teresa tem algo de sacramental. É um sinal eficaz, que há-de ser lido absolutamente como sinal, de uma realidade que é ao mesmo tempo superior e inerente a ela.

RELEITURA DA *VITA CONSECRATA* À LUZ DE SANTA TERESINHA

IRMÃ HELENA ESGUERRA, C.D.

Apresentação

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* (VC), bem o sabemos, é o resultado da experiência vivida por milhares de religiosos do mundo inteiro. Estudamos os *Lineamenta* e o *Instrunemtum Laboris* e respondemos às perguntas das nossas respectivas Conferências Episcopais, contando também com a aportação concreta dos Padres Sinodais e dos religiosos que participaram no Sínodo; ou seja, partindo da prática chegou-se à teoria que foi codificada numa linguagem teológica. Agora, ao ler a Exortação Apostólica a partir de Santa Teresinha, vamos ao contrário, ou seja, da teoria voltamos à prática, pois a Santa ilumina-nos o texto a partir da sua própria experiência espiritual e de vida religiosa que poderíamos denominar uma teologia existencial da vida consagrada.

Outro aspecto muito importante nesta releitura é comprovar a grande actualidade de Teresa; ela é, sem dúvida alguma, uma religiosa para o nosso tempo. A sua familiaridade com a Sagrada Escritura, a ausência de fenómenos místicos, a rejeição das penitências corporais tradicionais, a aridez na oração, a sua compreensão do verdadeiro sentido da clausura, a insistência na vida fraterna, a sensibilidade missionária, a crise de fé, etc., fazem de Teresa de Lisieux um verdadeiro modelo de vida consagrada para o tão próximo século XXI.

Sem forçar as coisas, chamou-me a atenção a semelhança estrutural que existe entre a Exortação Apostólica e os *Manuscritos* de Teresa. Ambos constam de três partes com um fio condutor. Na VC este fio condutor é a dimensão trinitária; em Teresa o fio que entrelaça os três Manuscritos é o AMOR. E a Trindade é AMOR. Assim veremos: *Confessio Trinitatis* à luz do Ms A; *Signum Fraternalitatis* à luz do Ms C e *Servitium Caritatis* à luz do Ms B. Podemos considerar este como a síntese de toda a doutrina do «pequeno caminho» ou infância espiritual. Naturalmente que os três *Manuscritos* se completam entre si, e com os restantes escritos de Teresa, pois a riqueza das *Cartas* e *Poesias*, o *Acto de Oferecimento* e os *Últimos Conselhos e Recordações* oferecem-nos muitos elementos indispensáveis para a leitura que nos propomos fazer.

Poder-se-ia estabelecer um paralelismo entre a VC e a obra teresiano-lexoviense, uma vez que Santa Teresinha aborda muitos elementos da Exortação, mas seria um trabalho excessivamente longo; por isso, desenvolverei apenas aqueles aspectos que considero essenciais na doutrina teresiana e que são de grande actualidade. Por outro lado, há que ter em conta que este estudo é feito a partir da vida contemplativa canónica e à luz da experiência mística de uma carmelita descalça da talha de Teresa do Menino Jesus e da Santa Face.

Introdução

Partindo da Introdução da Exortação Apostólica, que nos apresenta uma visão global sobre a vida consagrada e as suas diferentes expressões, devemos perguntar-nos: o que era a vida consagrada para a Santa? Não a podemos obrigar a falar com a nossa linguagem teológica; ela responder-nos-á com palavras simples e existenciais que contêm um profundo sentido, inclusive quando se referem à sua precoce vocação ao deserto.

Na Exortação Apostólica a vida consagrada é antes de mais um «caminho de especial seguimento de Cristo», uma «total doação a Deus em Cristo», uma «opção que se exprime na radicalidade do dom de si mesmo por amor do Senhor Jesus...», etc. Por seu lado, Teresinha vê-a como um «viver unicamente por Jesus» (A 26^o), «um chamamento divino» (ibidem), ou seja, a iniciativa do Pai de que fala a Exortação, um «entregar-se a

Jesus» (A 34rº), «um caminho a seguir» (A 32vº). Nas cartas a Celina enfoca-a sobretudo a partir da dimensão sponsal que já aparecia no *Ms A* ao falar da sua própria profissão religiosa. Por exemplo, do que se trata é de «unir-se a Deus para sempre» (A 74rº), por isso fala do «vestido de núpcias» (A 75rº), de ser «esposa de Jesus» (A 77rº), e tudo isto está patente na «*Carta-Convite para as Núpcias da Irmã Teresa do Menino Jesus e da Santa Face*» (A 77 vº). A vida consagrada é, pois, um desposório com Jesus, por isso escreve à sua irmã: «Que chamamento o do nosso Esposo!» (CT 165). À sua irmã Leónia, então na Visitação, fala-lhe da vocação religiosa nestes termos: «a dita de servir a Jesus e de habitar na sua casa, a dita de ser sua esposa no tempo e na eternidade» (CT 175).

A VC no nº 8 fala dos *Institutos dedicados totalmente à contemplação*. É um texto que tem grande ressonância nos escritos teresianos, pois como é lógico, é o único género de vida religiosa que ela conheceu. As beneditinas, com quem se educou, não deixaram rasto na sua alma; e, como Teresa sentiu o chamamento divino ao deserto desde os seus primeiros anos com a entrada de Paulina no Carmelo, pôde identificar-se com este; por isso, é natural que nunca se sentisse inclinada a abraçar a vida apostólica nem lhe tivesse chamado a atenção a Ordem da Visitação onde estava a sua tia e onde se tinham educado as suas irmãs mais velhas.

Podemos dizer que toda a sua obra é uma apologia, embora muito realista, da vocação carmelitana, ou seja, da vida contemplativa. Bastam-nos apenas uns quantos exemplos, já que a releitura de VC à luz de Santa Teresinha implica percorrer esta Exortação em clave contemplativa. Na carta a Leónia comenta-lhe uma coisa de que gostou muito durante os exercícios espirituais: «O Padre... mostrou-nos todas as vantagens da vida religiosa, em especial da vida contemplativa» (CT 151). Ao P. Roulland escreve: «...não podendo ser missionária pela acção, quis sê-lo pelo amor e pela penitência como Santa Teresa, minha seráfica Madre» (CT 189). Ao P. Bellière explica: «uma carmelita que não fosse apóstola afastar-se-ia da sua vocação e deixaria de ser filha da seráfica Santa Teresa que desejava dar mil vidas para salvar uma só alma» (CT 198). Teresa sente em si a vocação de Moisés: «Como Josué, vós combateis na planície, eu sou o vosso pequeno Moisés, e o meu coração eleva-se sem cessar para o Céu para alcançar a vitória» (CT 201). Teresa, aos 15 anos, já sabia exactamente o que a esperava no Carmelo: oração, penitência, alegrias, sofrimentos; por isso, pôde escrever: «Tudo me parecia encantador! Julgava-me transportada a um deserto. Encantou-

-me, sobretudo, a nossa pequena cela... Ilusões? Deus concedeu-me a graça de não ter nenhuma ao entrar para o Carmelo. Encontrei a vida religiosa tal como a tinha imaginado. Nenhum sacrifício me espantou» (A 69^{vº}).

Vemos, assim, que Teresa tem uma compreensão profunda da vocação a que foi chamada, dando mais importância à essência da vida contemplativa e à sua missão na Igreja e no mundo do que às estruturas que a caracterizavam. De facto, como veremos mais à frente, ela foi ao essencial e imutável da sua vocação carmelitana e, por isso mesmo, válido em qualquer contexto histórico.

Confessio trinitatis

O capítulo I abre-nos à *dimensão trinitária* que vai iluminar todo o desenvolvimento de VC. Este aspecto trinitário é, para mim, o que mais novidade apresenta na Exortação, sobretudo no que se refere aos conselhos evangélicos.

Os números 17, 18 e 19 ampliam a ideia expressa nos números anteriores, sobretudo, a *Trindade à luz do ícone da Transfiguração*. Ao analisar esta dimensão segundo Santa Teresinha, encontrei no Ms A esse momento de plenitude e maturidade mística que a Santa tinha já adquirido em 1895 e que culmina no seu *Acto de Oferecimento ao Amor Misericordioso*. Esta doação manifesta a sua própria vivência e experiência, e confirma o dom que ela já havia feito de si mesma a Deus ao abraçar a vida religiosa. Não é somente a síntese da sua doutrina espiritual mas também da sua vida consagrada ao amor de Deus, à «glorificação da santa Igreja salvando as almas».

O nº 17, *A Patre ad Patrem*, fala da iniciativa de Deus no chamamento à vida consagrada. Do mesmo modo o vê Teresa ao escrever no *Acto de Oferecimento*: «Já que Vós me amastes até me dardes o vosso Filho único para ser o meu Salvador e o meu Esposo, os tesouros infinitos dos seus méritos são meus...». Esta ideia é afim à Exortação, que diz: «Está aqui o sentido da vocação à vida consagrada: uma iniciativa total do Pai que requer daqueles que escolhe uma resposta de dedicação plena e exclusiva» (nº 17).

O nº 18, *Per Filium*, diz-nos: «A sua (dos consagrados) aspiração é identificar-se com Ele, assumindo os seus sentimentos e forma de vida». Por sua vez, Santa Teresinha escreve: «Será com alegria que Vos contemplarei no último dia, levando o ceptro da Cruz. Já que Vos dignastes dar-me em herança esta Cruz tão preciosa, espero parecer-me convosco no Céu, e ver brilhar no meu corpo glorificado os sagrados estigmas da vossa Paixão...» (*Acto de Oferecimento*). Esse «identificar-se com Ele» significa para Teresa participar na própria Paixão de Cristo até chegar à glorificação. É a sua maneira de se inserir no mistério pascal do Senhor.

In Spiritu, nº 19. Nos escritos teresianos não são muitas as alusões explícitas ao Espírito Santo, mas ao falar da sua Confirmação deixa-nos entrever o que pensava: «Tinha-me preparado com muito cuidado para receber a visita do Espírito Santo. Não compreendia que não se desse muita atenção à recepção deste sacramento de Amor... Como os Apóstolos, esperava com alegria a visita do Espírito Santo... Não senti um vento impetuoso no momento da descida do Espírito Santo, mas antes aquela *brisa ligeira* cujo murmúrio o profeta Elias ouviu sobre o monte Horeb. Nesse dia recebi a força para sofrer» (A 36vº). O que viveu e experimentou na preparação e recepção do sacramento da Confirmação é a explicitação da obra do Espírito Santo ao longo dos seus 24 anos. Os dons da sabedoria, inteligência, piedade, conselho e fortaleza, os que mais brilharam nela, são uma prova evidente de que aqueles que «deixando-se guiar pelo Espírito num caminho ininterrupto de purificação, tornam-se, dia após dia, pessoas cristiformes, prolongamento na história de uma especial presença do Senhor ressuscitado» (nº19).

Se esta dimensão trinitária é o fio condutor de toda a VC, também o é da obra teresiana. Como disse antes, esta dimensão concretiza-se no seu *Acto de Oferecimento* onde reconhece a iniciativa do Pai, comenta a sua identificação com o Filho e abandona-se ao Amor, que é o Espírito Santo.

Um tema importante em Teresa de Lisieux é a sua devoção à Santa Face e quanto esta leva consigo da teologia da Cruz, que podemos usar no contexto da Exortação: *Da Páscoa ao cumprimento definitivo*.

O nº 23 – *Do Tabor ao Calvário* –, situa-nos perante a realidade da Cruz e descreve-nos o que esta implicou para Cristo: «Nesta, o seu amor virginal pelo Pai e por todos os homens atingirá a máxima expressão; a sua pobreza chegará ao despojamento total; a sua obediência irá até ao dom da vida». A seguir fala do que significa na vida de cada religioso/a este Jesus

sofredor. Por sua vez, Teresa diz-nos: «A Florzinha transplantada para a Montanha do Carmelo havia de crescer à sombra da Cruz. As lágrimas e o sangue de Jesus foram o seu orvalho, e o seu sol foi a sua Face adorável toldada de pranto... Até então eu não tinha sondado a profundidade dos tesouros escondidos na Santa Face»; e depois acrescenta: «penetra-se nos mistérios de amor escondidos no Rosto do nosso Esposo» (A 71r^o).

Toda a vida de Teresa esteve marcada pela presença da cruz. A carta de 26 de Abril de 1889, a Celina, apresenta-nos o seu modo de compreender o sofrimento quando escreve: «Não pensemos poder amar sem sofrer, sem sofrer muito... a nossa pobre natureza lá está! e está lá para alguma coisa!!... É tão preciosa que Jesus veio à terra expressamente para a possuir. Soframos com amargura, sem coragem!... ‘Jesus sofreu com tristeza! Sem tristeza, a alma sofreria? E nós quereríamos sofrer generosamente, com grandeza!... Celina, que ilusão!» (CT 89). Este texto é, para mim, dos mais belos que Teresinha escreveu, atendendo à profundidade com que entende o sentido do sofrimento à luz da experiência de Cristo.

Os escritos de Teresa, como afirmei, apresentam-nos uma teologia existencial da vida consagrada e penso que estes comentários sobre o sofrimento, vistos numa perspectiva antropológica, justificam a minha teoria. Teresa viveu o mistério pascal, aprofundou-o através da Santa Face, sobretudo, a partir da doença de seu pai; assumiu-o no curto espaço da sua vida e transmitiu-nos essa teologia da Cruz da qual nos fala a VC.

Não poderíamos passar por alto a dimensão mariana do n^o 28 – *Virgem Maria, modelo de consagração e seguimento* –, uma vez que a Virgem Maria teve um papel decisivo na espiritualidade de Teresa, mediante uma vivência muito carmelitana, isto é, fundada não em devoções mas no encontro contemplativo com Maria.

A Exortação diz: «... a presença de Maria tem uma importância fundamental, quer para a vida espiritual de cada uma das almas consagradas, quer para a consistência, unidade e progresso da comunidade inteira»; e acrescenta: «Maria é, de facto, exemplo sublime de perfeita consagração, pela sua pertença plena e dedicação total a Deus».

Vejamos o que Teresa pensava de Maria, pois é importante saber não só o que significa Maria para ela, mas também a sua actualidade no que se refere ao marianismo e à mariologia. Para mim, o texto chave de Teresa sobre a Virgem Maria encontra-se nos *Últimos Conselhos e*

Recordações, concretamente o que disse no dia 21 de Agosto de 1897, cinco semanas antes da sua morte: «Como eu teria gostado de ser sacerdote para pregar sobre a Santíssima Virgem!... Primeiro, teria feito compreender como se conhece pouco a sua vida. Não precisaria de dizer coisas inverosímeis ou que não se sabem... Apresentam-na inacessível; deviam mostrá-la imitável, fazer sobressair as suas virtudes, dizer que vivia da fé como nós, apresentar provas disso pelo Evangelho... Sabemos muito bem que a Santíssima Virgem é a Rainha do Céu e da terra, mas ela é mais mãe do que rainha, e não se deve dizer, por causa dos seus privilégios, que ela eclipsa a glória dos santos todos... Enfim, no meu Cântico '*Porque te amo, ó Maria*' disse tudo o que pregaria sobre ela». Teríamos de ler todo este belo poema para compreender a fundo o marianismo teresiano. Nele, a Virgem aparece como modelo de consagração e de imitação. Para além de nos apresentar Maria como modelo a imitar e como Mãe a quem amar, Teresa é duma actualidade impressionante ao oferecer-nos uma mariologia não baseada nos dogmas marianos mas exclusivamente no Evangelho. A sua mariologia é netamente bíblica e experiencial. O seu amor a Maria não se limita a recordar o sorriso da Virgem ou a experiência de sentir-se albergada sob o seu manto; ele é fruto da sua oração, o fruto do seu encontro contemplativo com Maria.

Outro tema que se presta para ser relido desde Santa Teresinha é o da santidade: *Guiados pelo Espírito de santidade*. Este número, citando a Relação final da II Assembleia Extraordinária do Sínodo de 1985, diz: «Os santos e as santas sempre foram fonte e origem de renovação nas circunstâncias mais difíceis, ao longo de toda a história da Igreja. Hoje temos muita necessidade de santos, graça esta que devemos implorar continuamente a Deus» (nº 35). Poucas semanas depois da sua entrada no Carmelo, Teresa escreve ao seu pai: «Sim, continuarei a ser sempre a tua rainhazinha e procurarei honrar-te fazendo-me uma grande santa» (CT 58). Contudo, ela não descobriu o seu chamamento à santidade no Carmelo, pois já desde a infância tinha consciência dela. Vamos iluminar este tema com as suas intuições. Ela é consciente de que existem muitos caminhos diferentes para chegar à santidade, mas que todos são igualmente agradáveis a Deus, porque «todos (os santos) seguiram a moção do Espírito Santo, e que o Senhor disse: Dizei ao justo que Tudo está bem. Sim, tudo está bem, quando não se procura senão a vontade de Jesus» (C 2vº). E mais à frente escreve: «Bem sabeis, minha Madre, que sempre desejei ser santa...», e compreende que «Deus não pode inspirar desejos irrealizáveis. Posso,

portanto, apesar da minha pequenez, aspirar à santidade» (C 2vº). O mais importante e essencial «é agradar a Jesus», afirma Teresa.

No *Ms A* resume outras características do caminho dos santos: «Sofrer muito», «procurar sempre o mais perfeito», «esquecer-se de si mesma». Perante estas exigências, e recordando um acontecimento da sua infância, exclama: «Meu Deus, eu escolho tudo. Não quero ser uma santa a meias» (A 10vº).

Mas o argumento decisivo neste caminho de santidade descreve-o da seguinte maneira: «Tal desejo poderia parecer temerário, se tivermos em conta quanto eu era fraca e imperfeita, e quanto o sou ainda após sete anos passados na vida religiosa. No entanto, sinto sempre a mesma confiança audaciosa de me tornar uma grande Santa, pois não conto com os meus méritos, não tendo negado nenhum, mas espero n' Aquele que é a Virtude, a própria Santidade. Só Ele, contentando-se com os meus fracos esforços, me elevará até Ele e, cobrindo-me dos seus méritos infinitos, me fará Santa» (A 32rº). Este parágrafo dá-nos a chave: não somos nós que nos fazemos santos, é Deus que realiza a obra. Ele unicamente pede a nossa colaboração. Teresa assim o experimentou: «Aquilo que eu não tinha conseguido realizar em dez anos, Jesus consumou-o num instante. Contentava-se com a minha boa vontade, que, por acaso, nunca me faltou».

Dentro ainda deste tema, o nº 38 da Exortação fala de *Oração e ascese: o combate espiritual*. «A vocação à santidade só pode ser acolhida e cultivada no silêncio da adoração na presença da transcendência infinita de Deus»; e continua com uma bela citação da *Oriental Lumen* para mencionar a seguir a necessidade de «uma grande fidelidade à oração litúrgica e pessoal, aos tempos dedicados à oração mental e à contemplação, à adoração eucarística, às recolecções mensais e aos retiros espirituais», indicando também, mais adiante, algumas das tentações e dificuldades que se podem encontrar neste caminho da oração. Creio que serviria de estímulo para muitos consagrados saber que o caminho de oração de Teresa de Lisieux está longe de ter sido um caminho fácil, saboroso, semeado de consolações espirituais; Antes pelo contrário desde a sua entrada no Carmelo a sua oração caracterizou-se pela obscuridade, pela aridez. Durante o retiro para a sua tomada de hábito confiou à sua irmã Paulina: «Hoje mais do que ontem, se é possível, fui privada de toda a consolação; agradeço a Jesus que acha isso bom para a minha

alma; se Ele me consolasse talvez eu me detivesse nessas doçuras, mas Ele quer que tudo seja para Ele!... Pois bem, tudo será para Ele» (CT 76). No dia anterior tinha escrito: «Nada junto de Jesus, aridez!... Sono!... Mas ao menos há o silêncio!... o silêncio faz bem à alma...» (CT 74). Ano e meio depois continua na mesma aridez: «estou num subterrâneo muito escuro!» (CT 112), «um subterrâneo no qual nada vejo a não ser uma claridade semi-velada, a claridade que espalham à sua volta os olhos baixos da face do meu Prometido. O meu Prometido nada me diz e eu também nada Lhe digo senão que O amo mais do que a mim» (CT 110).

Como verdadeira aluna de S. João da Cruz, ao descrever este estado da sua alma aos 17 anos de idade, Teresa, sem dar-se conta, está a descrever a alta contemplação a que chegou, esse «raio de treva» que ilumina a sua alma. Já na plenitude espiritual, mantendo, embora, sempre esse clima de obscuridade, dá-nos a sua magistral definição da oração: «Para mim, a oração é um impulso do coração, é um simples olhar lançado para o Céu, é um grito de gratidão e de amor, tanto no meio da tribulação como no meio da alegria; enfim, é algo de grande, de sobrenatural, que me dilata a alma e me une a Jesus» (C 25rº). A sua melhor ajuda para os momentos de maior escuridão é sempre a Sagrada Escritura: «Mas é sobretudo o Evangelho que me vale durante as minhas orações. Nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre alminha. Nele descubro sempre novas luzes, sentidos escondidos e misteriosos...» (A 83vº). Contudo, ela reconhece que «não é durante a oração que elas (as luzes) se me manifestam mais; a maior parte das vezes é no meio das ocupações do dia» (A 83vº). Na última página inacabada do Ms C, quando o lápis já lhe cai das mãos, acentua: «Não foi, acaso, na oração onde os Santos Paulo, Agostinho, João da Cruz, Tomás de Aquino, Francisco, Domingos e tantos outros ilustres amigos de Deus beberam esta ciência divina que arrebatava os maiores génios?» (C 36rº).

A oração litúrgica, por sua vez, era a sua delícia e a única oração vocal que podia fazer, pois «fora do Ofício divino, que sou muito indigna de recitar, não tenho coragem para me obrigar a procurar nos livros belas orações; isso faz-me doer a cabeça» (C 25rº). Mas é nos *Últimos Conselhos e Redorações* onde encontramos melhor expresso o seu amor à oração litúrgica: «Como me sentia importante quando era hebdomadária no Ofício e dizia as orações bem alto no meio do Coro! Porque pensava que o sacerdote rezava as mesmas orações na Missa e que eu tinha, como ele, o direito de rezar alto diante do Santíssimo

Sacramento, de dar as bênçãos, as absolvições, de ler o Evangelho quando era primeira cantora» (6 de Agosto de 1896).

Neste tema sobre a oração preferi deixar falar exclusivamente a Teresa, pois creio que nenhum comentário poderia superar o que saiu da sua pena e da sua boca. Por isso, é também a melhor releitura do n° 28 de VC.

Signum fraternitatis

Este segundo capítulo apresenta-nos a dimensão da fraternidade como um «reflexo da profundidade e riqueza desse mistério trinitário». Sobretudo a primeira parte – *Valores Permanentes* – desenvolve mais concretamente o tema da fraternidade ou, como diria Santa Teresinha, da «caridade». Por isso, tudo o que a Santa diz sobre este tema no *Ms C* vai-nos ajudar a iluminar esta segunda parte da Exortação. Não podemos esquecer que Teresa se esforçou ao máximo na prática da fraternidade desde que entrou no Carmelo mas, como ela mesma o afirma, a sua plenitude chegou no momento em que compreendeu a teologia da caridade: «Este ano, minha querida Madre, Deus concedeu-me a graça de compreender o que é a caridade. Dantes compreendia-o, é verdade, mas de uma maneira imperfeita. Não tinha aprofundado estas palavras de Jesus: ‘O segundo mandamento é semelhante ao primeiro: amarás o teu próximo como a ti mesmo’. Aplicava-me, sobretudo, a amar a Deus» (C 11v°).

Esta luz que recebeu fê-la compreender que eram obras o que o Senhor queria e, como sempre, no Evangelho encontrou as razões mais profundas. O exemplo de Jesus levou-a a aprofundar muitos textos bíblicos que depois comenta e a levam a interrogar-se: «Como amou Jesus os seus discípulos, e porque os amou? Ah! não eram as qualidades naturais deles que O podiam atrair; havia entre eles e Ele uma distância infinita... Apesar disso, Jesus chama-lhes amigos, seus irmãos... Ah! compreendo agora que a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas, em edificar-se com os mais pequenos actos de virtude que se lhes vir praticar; mas compreendi, sobretudo, que a caridade não deve ficar encerrada no fundo do coração...» (C 12r°).

O nº 42 da Exortação, ao falar sobre a *Vida fraterna no amor*, comenta: «Também entre os seus discípulos não há unidade verdadeira sem este amor recíproco e incondicional, que exige disponibilidade para o serviço sem regatear energias, prontidão no acolhimento do outro tal como é, sem ‘o julgar’, capacidade de perdoar inclusive ‘setenta vezes sete’»; ou seja, a Igreja espera de nós, como religiosos, esse amor fraterno tal como o descreve Santa Teresinha.

Tanto a Exortação como Teresa referem-se ao «mandamento novo» e falam da entrega de Cristo na Cruz, onde radica a máxima exemplaridade de Cristo e, portanto, constitui aquilo que todo o discípulo tem de se esforçar por praticar. Ao apresentar a Cruz como o melhor exemplo do amor de Jesus, Teresa escreve: «Quer vê-los reinar com Ele no reino de seu Pai, e para lhes abrir esse reino quer morrer numa cruz, pois disse: ‘Não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama’» (C 12rº). Depois, ao comentar o «mandamento novo», faz um belíssimo comentário de Jo 15, 12: «Quando o Senhor ordenou ao seu povo que amasse o seu próximo como a si mesmo, ainda não tinha vindo à terra. Por isso, sabendo em que grau se ama a própria pessoa, não podia pedir às suas criaturas um amor maior para com o próximo; mas quando Jesus deu aos Apóstolos um mandamento novo, o seu mandamento, como diz mais adiante, não fala já de amar o próximo como a si mesmo, mas de o amar como Ele, Jesus, o amou, como o amará até à consumação dos séculos...» (C 12vº). Seria muito fácil fazer um paralelismo, em duas colunas, entre o nº 42 e esta parte do *Ms C*, mas, parece-me, que estas citações são suficientes para mostrar a semelhança entre os dois textos.

Os números seguintes podem também ser lidos a partir da teologia existencial de Teresa, pois, se ela nos propõe sólidas bases teológicas e profundos comentários bíblicos, também nos descreve como levou à prática as luzes que havia recebido.. Assim, ao falar da Madre Gonzaga mostra claramente a *função da autoridade* a que se refere o nº 43. Diz este: «... importa reconhecer que quem exerce a autoridade não pode abdicar da sua missão de primeiro responsável da comunidade, qual guia dos irmãos e irmãs no caminho espiritual e apostólico». Dentre os muitos textos de Teresa que poderia escolher, optei por este que me parece mais profundo até que todo o nº 43 da Exortação. «Madre caríssima, vós sois a bússula que Jesus me deu para me conduzir com segurança para a margem eterna. Como me é agradável fixar em vós o

olhar e cumprir em seguida a vontade do Senhor!» (C 11r^o). Actualmente insiste-se nessa procura partilhada da vontade de Deus que é o princípio da autoridade. Teresa apresenta-nos a autoridade como uma verdadeira bússula, que não exclui o diálogo, e insiste no espírito de fé que nos ajuda a aceitar «que cabe à autoridade a última palavra, como lhe compete depois fazer respeitar as decisões tomadas» (VC, n^o 43).

Mais do que descrever ou comentar *O papel das pessoas idosas*, de que fala o n^o 44, Teresa, partindo da sua própria experiência, mostra-nos o que significaram na sua vida algumas religiosas idosas do seu Carmelo. É certo que a Madre Geneveva teve muita influência nesta menina que entrava no Carmelo, após ter cumprido os seus 15 anos. No mesmo dia da sua entrada, ao ir ao Coro, «o que mais me chamou a atenção foram os olhos da nossa santa Madre Geneveva, que se fixaram em mim. Fiquei um momento ajoelhada a seu lado, agradecendo a Deus o privilégio que me concedia de conhecer uma santa» (A 69v^o). Esta primeira impressão, longe de a diminuir, foi crescendo e Teresa, várias vezes, menciona o que significou para ela o testemunho desta santa religiosa. Anos mais tarde, pouco antes de morrer a Madre, numa visita que fez à enfermaria, disse-lhe esta: «‘Todas as vezes que cá vindes, pedis-me que vos dê um ramalhete espiritual. Pois bem, hoje vou dar-vos este: Servi a Deus com paz e com alegria. Lembrai-vos, minha filha, de que o nosso Deus é o Deus da paz’... Depois de lhe ter agradecido com simplicidade, saí comovida até às lágrimas, e convencida de que Deus lhe tinha revelado o estado da minha alma. Naquele dia encontrava-me numa provação extrema, quase triste, numa noite total, que até duvidava se Deus me amava» (A 78r^o). Para além da influência da Madre Geneveva, Teresa guardou até à sua morte uma bela relíquia dela: «a última lágrima de uma santa» que havia recolhido, com um paninho, do rosto da defunta.

Outro exemplo que quero apresentar é o da Irmã S. Pedro; não certamente pelo seu testemunho de amabilidade, mas pelo que significou para Teresa. Todos conhecemos este episódio em que a jovem religiosa se ofereceu voluntariamente para levar a irmã idosa desde o coro até ao refeitório. «Custava-me muito oferecer-me para prestar este pequeno serviço, porque sabia que não era fácil contentar a pobre Irmã S. Pedro...» (C 29r^o); no entanto, confessa Teresa, que o seu amor, delicadeza e generosidade acabaram por conquistar o coração da velhinha que, ao terminar o seu processo ritual, lhe dirigia o seu melhor sorriso.

Como é que estes exemplos iluminam o n° 43 da VC? Por um lado, confirmam-nos que numa religiosa, como a Madre Genoveva, «o seu testemunho é de grande ajuda» e que os velhinhos «têm certamente muito que dar em sabedoria e experiência à comunidade». Por outro lado, o caso da Irmã S. Pedro confirma que «o cuidado dos idosos e dos doentes tem uma parte relevante na vida fraterna, especialmente num tempo como o nosso em que aumenta, nalgumas regiões do mundo, o número de pessoas consagradas em idade avançada».

Certamente «para apresentar à humanidade de hoje o seu verdadeiro rosto, a Igreja tem urgente necessidade de tais comunidades fraternas, cuja própria existência já constitui uma contribuição para a nova evangelização, porque mostram de modo concreto os frutos do ‘mandamento novo’», conclui o n° 45. Santa Teresinha demonstra-nos que este amor fraterno é possível apesar das dificuldades normais que podem acontecer numa comunidade, mesmo quando esta fôr «imagem da comunidade apostólica» que também não esteve isenta de tensões.

A comunidade do Carmelo de Lisieux, no tempo de Santa Teresinha, estava longe de ser uma comunidade ideal. Por um lado, existiam várias religiosas difíceis, mais ainda, desequilibradas; por outro lado, a personalidade e o modo de governar da Madre Gonzaga eram fonte de divisões internas e de um mal-estar geral. Também a presença do clã Martin, que chegou a contar com cinco membros numa comunidade de vinte e uma religiosas, não podia deixar de causar tensões e incompreensões. A tudo isto há que juntar as dificuldades pessoais que Teresa, como toda a pessoa humana, encontrou na relação com as irmãs: «Há na comunidade uma irmã que tem o condão de me desagradar em todas as coisas: as suas maneiras, as suas palavras, o seu carácter, pareciam-me muito desagradáveis» (C 13v°). Noutra ocasião afirma: «Sem dúvida, no Carmelo não se encontram inimigos, mas enfim, há simpatias, sente-se atracção por uma Irmã, ao passo que outra nos faria dar uma grande volta para evitar encontrá-la...» (C 15v°).

Como vemos «a ciência do amor», na qual Teresinha se doutorou «cum laude», é a resposta que esta jovem dá à vida consagrada do nosso tempo. Ela ensina que, apesar das dificuldades comunitárias e pessoais, sempre se poderá amar, sempre se poderá criar um ambiente de fraternidade de maneira que «cada comunidade se manifeste como sinal luminoso da nova Jerusalém, ‘morada de Deus entre os homens’» (VC n° 45).

A dimensão feminina (nº 57-59). «As mulheres consagradas estão chamadas de modo absolutamente especial a serem, através da sua dedicação vivida em plenitude e com alegria, um sinal da ternura de Deus para com o género humano e um testemunho particular do mistério da Igreja que é virgem, esposa e mãe» (VC nº 57). Santa Teresinha no *Ms B* narra uma experiência pessoal afim a este nº 57: «Ser tua esposa, ó Jesus!, ser carmelita, ser, pela minha união contigo, a mãe das almas. Isso deveria bastar-me...; não é assim... Sem dúvida, estes três privilégios são realmente a minha vocação: Carmelita, Esposa e Mãe. No entanto, sinto em mim outras vocações, sinto a vocação de Guerreiro, de Sacerdote, de Apóstolo, de Doutor, de Mártir; enfim, sinto a necessidade, o desejo de fazer por Ti, Jesus, todas as obras heróicas...» (B 2vº). Com o seu lema da infância «eu escolho tudo», para Teresa não basta só um género de apostolado e sonha com todas as vocações possíveis até então reservadas exclusivamente aos homens, à excepção do martírio. Será o próprio Espírito Santo que responderá satisfatoriamente aos seus desejos. Mas a própria vida de Teresa é o melhor comentário a este nº 57, pois na sua curta vida deu testemunho dessa consagração vivida em plenitude e alegria. Mais ainda: compreendeu profundamente a ternura de Deus que ela denominaria de Amor Misericordioso e que, citando Isaías, o considera como o amor materno do Pai. O Deus Pai-Mãe do qual hoje tanto se fala.

No contexto da dignidade e do papel da mulher consagrada, gostaria de realçar dois aspectos. Primeiro, o que Teresa pensava sobre a «discriminação»; segundo, os seus profundos anseios sacerdotais.

Na viagem a Roma experimentou, de muitos modos, o segundo lugar concedido às mulheres e a terrível discriminação a que se viam sujeitas; por isso comenta: «Não consigo ainda compreender porque é que as mulheres são tão facilmente excomungadas em Itália! A todo o momento nos diziam: – ‘Não entrem aqui..., não entrem além, que ficariam excomungadas!...’». Ah! pobres mulheres! Como são desprezadas!...» (A 66vº). E continua a falar com um modo de pensar que parece repetir as palavras de Teresa de Jesus sobre o amor das mulheres ao Senhor, no *Caminho de Perfeição* do Escorial, com essas vinte linhas riscadas por medo à reacção machista dos inquisidores. Santa Teresinha acrescenta: «É talvez por isso que Ele permite que o desprezo seja o quinhão delas sobre a terra, pois também o escolheu para si próprio... No Céu bem saberá mostrar que os seus pensamentos não são os dos homens, porque então as últimas serão as primeiras...». E imediatamente reage: «Mais do que uma vez,

durante a viagem, não tive paciência para esperar pelo Céu para ser a primeira... (A 66v^o). Certamente, também hoje, não teria paciência para esperar pela igualdade.

É evidente que Teresa tinha uma verdadeira vocação sacerdotal. Nos seus escritos encontramos muitas alusões ao tema da vocação sacerdotal, o que não acontece noutros escritos das nossas santas carmelitas, se bem que Santa Teresa sentiu «inveja» do P. Maldonado e por todos os que podiam «por amor a nosso Senhor, empregarem-se nisto» (F 1, 7). Por sua vez, a Santa francesa diz: «Sinto em mim a vocação de Sacerdote. Com que amor, ó Jesus, Te seguraria nas minhas mãos quando, à minha voz, descesses do Céu... Com que amor Te daria às almas!...» (B 2v^o). Próxima já da morte, repete: «Como eu teria gostado de ser sacerdote para pregar sobre a Santíssima Virgem! Ter-me-ia bastado uma única vez para dizer tudo o que penso sobre este assunto» (UCR, 21.08.1983). Noutra ocasião afirma que, se pudesse ter sido sacerdote, gostaria de ter estudado grego e hebraico para poder ler os manuscritos bíblicos no original. Falando de si mesma, em terceira pessoa, confia ao P. Roulland: «não podendo ser sacerdote queria que em seu lugar um sacerdote recebesse as graças do Senhor, que tivesse as mesmas aspirações, os mesmos desejos que ela...» (CT 201).

Embora no seu tempo não se pusesse a questão do sacerdócio feminino, não podemos duvidar de que nela existia essa vocação dada por Deus e de que, como diz o n^o 58 da Exortação, «é urgente realizar alguns passos concretos, começando pela abertura às mulheres de espaços de participação nos vários sectores e a todos os níveis...».

Finalmente, comentarei o n^o 59 – *As monjas de clausura* –, sem vincar a dimensão puramente contemplativa que ficará para a terceira parte, mas acentuando o que Teresa pensava sobre a clausura enquanto tal. Desafortunadamente este número está em contradição com aquilo que afirmam os números anteriores, concretamente sobre o trabalho «pela superação de toda a forma de discriminação...» (n^o 58), pois a Exortação ao falar dos monjes define-os como «contemplativos» e ao referir-se às monjas define-as como de «clausura».

Até agora a estrutura para os monjes contemplativos é radicalmente diferente à das monjas; por isso, D. Bernardo de Oliveira perguntou: «Será que a contemplação é diferente para as monjas e para os monjes?». Teresinha captou o essencial desta vida: ambiente de deserto,

solidão, silêncio, que ajudam a essa vida de AMOR exclusivo a Deus e à humanidade.

É interessante constatar o que Teresa entende por clausura, pois é evidente que ela se identifica com o «deserto», ou seja, vai ao essencial desse ambiente que deve rodear aqueles que optaram por uma vida de contemplação. A seguir identifica o deserto com o Carmelo, e ao entrar nele aos 15 anos diz que se sentiu «transportada a um deserto» (A 69v°).

O seu poema «*A Passareira do Menino Jesus*» (PN 43) é o único lugar onde faz alusão às grades; por isso, compara o Carmelo a uma gaiola, uma prisão, mas ao referir-se ao acto de adoração, de louvor, diz: «Na solidão profunda só para ti queremos cantar». É nesse deserto, nessa solidão, onde a carmelita «canta», onde ela compreende que «a única coisa necessária é amar-te», onde «a alma simples e pura encontra o objecto do seu amor». Portanto, para Teresa o importante não são as estruturas externas; para ela, o essencial é viver essa dimensão de deserto que é onde tem de acontecer a experiência contemplativa, pelo menos para aqueles que abraçamos esta vocação.

A vida, a mensagem, a missão e actualidade de Teresa de Lisieux é uma resposta concreta a este desejo da Igreja: «Na verdade, no campo da reflexão teológica, cultural e espiritual, muito se espera do ‘génio’ da mulher no que diz respeito não só à especificidade da vida consagrada feminina, mas também à inteligência da fé em todas as suas expressões. A propósito disto, pense-se quanto deve a história da espiritualidade a santas como Teresa de Jesus e Catarina de Sena, as duas primeiras mulheres honradas com o título de Doutoras da Igreja» (n° 58). Pela nossa parte, confiamos que a estes dois nomes se venha a juntar depressa o de Teresa do Menino Jesus e da Santa Face.

Servitium caritatis

«A caridade deu-me a chave da minha vocação. Compreendi que se a Igreja tinha um corpo composto de diversos membros, o mais necessário, o mais nobre de todos, não lhe faltava: compreendi que a Igreja tinha um coração, e que esse coração estava ardendo de amor.

Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja; que se o Amor se apagasse, os apóstolos já não anunciariam o Evangelho, os mártires recusar-se-iam a derramar o seu sangue... Compreendi que o Amor encerra todas as vocações, que o Amor é tudo, que abarca todos os tempos e todos os lugares... numa palavra, que é Eterno!... Então, num transporte de alegria delirante, exclamei: 'Ó Jesus, meu Amor! encontrei finalmente a minha vocação: a minha vocação é o Amor!...'.

Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, e esse lugar, ó meu Deus, fostes Vós que mo destes... No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor... Assim serei tudo..., assim o meu sonho será realizado!!!» (B, 3v°).

Com esta longa, mas significativa, citação do *Ms B* começo o comentário do terceiro e último capítulo da *VC*, porque, parece-me, sintetiza todo o seu conteúdo. A própria Exortação, no n° 46 – *Sentire cum Ecclesia* –, cita a sua famosa frase: «No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor».

O subtítulo deste terceiro capítulo – *A vida consagrada, epifania do amor de Deus no mundo* – e, concretamente o n° 72, afirma que «a missão é essencial para cada Instituto, não só nos de vida apostólica activa, mas também de vida contemplativa». A vida e a mensagem de Santa Teresinha apresentam-nos a verdadeira dimensão da vida contemplativa e a sua missão na Igreja e no mundo. De Teresa jamais se poderia dizer, num tom um tanto ou quanto pejorativo, que era uma «boa freirinha de clausura», pois ela demonstrou muito bem qual é o lugar de uma carmelita descalça, filha de Teresa de Jesus, dentro do Corpo místico de Cristo.

Em primeiro lugar vejamos o *horizonte eclesial* que vislumbrou a Santa. Para ela só um género de apostolado era muito pouco; por isso, disse: «Tenho a vocação de ser Apóstolo... Queria percorrer a terra, pregar o teu nome, implantar no solo infiel a tua cruz gloriosa, mas, ó meu Bem-amado!, uma missão só não me bastaria. Queria, ao mesmo tempo, anunciar o Evangelho nas cinco partes do mundo, e até nas ilhas mais longínquas... Queria ser Missionário, não apenas durante alguns anos, mas queria tê-lo sido desde a criação do mundo, até à consumação dos séculos... Mas queria, sobretudo, ó meu Bem-amado Salvador, queria derramar o meu sangue por Ti, até à última gota... O Martírio! eis o sonho da minha juventude... mas não saberia limitar-me a desejar um género de martírio... Para me satisfazer, ser-me-iam precisos todos...» (B 3r°). Como vemos, o seu horizonte eclesial é infinito no tempo e no

espaço. Mas como abranger este horizonte que só Cristo pôde abranger? A Sagrada Escritura deu-lhe a resposta e foi então quando descobriu que «o Amor abarca todos os tempos e todos os lugares... numa palavra, que é Eterno!». Também a VC nos recorda que «os chamados não podem deixar de sentir o compromisso de conservarem no coração e levarem à oração as inúmeras necessidades do mundo inteiro» (nº 73).

Mas este desejo apostólico de Teresa vai ainda mais longe. Não lhe basta passar a sua vida consumida por este fogo apostólico, mas deseja continuar o seu trabalho no Céu. Ela tinha uma obsessão: estava neste mundo para «amar a Deus e fazê-l’O amar», mas compreende que isso não o conseguiria na sua vida mortal; por isso, comenta: «Sinto que vou entrar no repouso... Mas sinto sobretudo que a minha missão vai começar, a missão de fazer amar a Deus como Eu O amo, de dar às almas o meu pequeno caminho... Sim, quero passar o meu Céu a fazer o bem sobre a terra. Não é nada de impossível, pois que, no seio mesmo da visão beatífica, os Anjos velam por nós. Não posso fazer do Céu uma festa de regozijo para mim, não posso descansar enquanto houver almas para salvar...» (*UCR*, 17.07.1897); e numa carta ao P. Roulland diz-lhe: «Conto não ficar inactiva no Céu, o meu desejo é continuar a trabalhar pela Igreja e pelas almas...» (*CT* 254). Não são, acaso, estes desejos de Teresa o maior «servitium caritatis» que se pode dar?

Esse «serviço de caridade», que constitui a missão de toda a vida consagrada, Teresa não o descobriu no Carmelo, mas aos 14 anos após a «conversão de Natal» quando experimentou que Jesus a tinha convertido «num pescador de almas»: «Senti um grande desejo de trabalhar pela conversão dos pecadores, desejo que não tinha sentido tão vivamente... Senti, numa palavra, entrar a caridade no meu coração, senti a necessidade de me esquecer de mim para dar alegria. E desde então fui feliz!» (*A* 45vº). Pouco tempo depois, a contemplação duma estampa do Senhor crucificado levou-a a uma nova experiência, ao pensar que o Sangue de Jesus caía ao chão sem que ninguém o recolhesse e sentiu a necessidade de ser ela a recolhê-lo para o derramar sobre as almas. Além disso, também «o grito de Jesus na cruz: –‘Tenho sede!’ ressoava continuamente no meu coração. Estas palavras acendiam em mim um ardor desconhecido e muito vivo... Queria dar de beber ao meu Bem-amado, e sentia-me eu mesma devorada pela sede das almas... Não eram ainda as almas dos sacerdotes que me atraíam, mas as dos grandes pecadores» (*A* 45vº). Deus confirmou a veracidade destes sentimentos permitindo-lhe viver ao vivo o

caso de Pranzini, a quem chamou «meu primeiro filho» (A 46v°). Nesse momento descobre a sua maternidade espiritual que vai ser um motor excelente na sua vida contemplativa, como o tem de ser para todos quantos abraçamos esta vocação. O sentido apostólico de Teresa pode ser comentado excelentemente com estas palavras do n° 75 de VC: «O olhar fixo no rosto do Senhor não diminui no apóstolo o empenho a favor do homem; pelo contrário, reforça-o».

A peregrinação a Roma, que Teresa realizou com o seu pai e a sua irmã Celina no final de 1887, proporcionou-lhe um novo campo de apostolado. Assim como o caso do padre de Becedas marcou em Santa Teresa de Jesus o zelo apostólico pelos sacerdotes, também o contacto diário com mais de 70 sacerdotes que viajavam na peregrinação a Roma deu a Teresinha uma visão muito concreta sobre as limitações e as necessidades dos sacerdotes. Ela conta-nos: «A segunda experiência que fiz diz respeito aos sacerdotes. Não tendo vivido nunca na sua intimidade, não podia compreender a finalidade principal da Reforma do Carmelo. Encantava-me rezar pelos pecadores; mas rezar pelas almas dos sacerdotes, que eu julgava mais puras que o cristal, parecia-me estranho!...»; por isso, acrescenta: «Como é bela a vocação que tem por finalidade conservar o sal destinado às almas! Esta é a vocação do Carmelo, porque o único fim das nossas orações e dos nossos sacrifícios é ser apóstolo dos apóstolos, rezando por eles enquanto eles evangelizam as almas com as suas palavras e, sobretudo, com o seu exemplo...» (A 56r°).

Uma vez no Carmelo, esse zelo pelos sacerdotes acentua-se cada vez mais. Escreve a Celina: «não percamos o nosso tempo... salvemos as almas... salvemos sobretudo as almas dos sacerdotes... Rezemos, sofram por eles, e no último dia Jesus será agradecido» (CT 94). Noutra carta comenta: «Celina, sinto que Jesus pede a nós as duas, que apaguemos a sua sede dando-lhe almas, almas de sacerdotes sobretudo...; somos tão pouca coisa... e todavia Jesus quer que a salvação das almas dependa dos nossos sacrifícios, do nosso amor. Ele mendiga-nos almas» (CT 96).

Mais à frente uma nova dimensão apostólica irrompe no coração desta contemplativa: as missões; é uma vivência tão importante que lhe mereceu ser proclamada, pelo Papa Pio XI, Padroeira principal das Missões, como S. Francisco Xavier.

Esta sensibilidade missionária foi suscitada pelo mesmo Espírito Santo, pois, por um lado nasceu nela o desejo vivo de ir para o Carmelo

de Hanói e, por outro lado, colocou-a em relação directa com os seus dois irmãos espirituais, os Padres Bellière e Roulland, com os quais repartiu o seu zelo missionário e participou, de alguma forma, nos seus apostolados em terras de missão.

A Madre Gonzaga acreditava firmemente na vocação missionária de Teresa, mas compreendia que a sua débil saúde nunca lha permitiria realizar. Pouco antes de morrer, Teresa confia ao P. Roulland: «se Jesus não vier em breve buscar-me para o Carmelo do Céu, partirei um dia para o de Hanói...» (CT 221). E nos *Últimos Conselhos e Recordações*, a Madre Inês recolheu este testemunho: «Muito gostava de ir para Hanói, para sofrer muito por Deus. Queria ir para lá para estar completamente sozinha, para não ter sobre a terra qualquer consolação. Quanto à ideia de lá me tornar útil, nem sequer me passa pelo pensamento; sei muito bem que não faria absolutamente nada» (UCR, 15.05.1896). Para ela só a oração e o sofrimento. Não é em vão que a Exortação recorda: «Por isso, deve-se encorajar nas novas igrejas, de modo particular, a fundação de comunidades dedicadas à contemplação, uma vez que ‘a vida contemplativa pertence à plenitude da presença da Igreja’» (nº 78). Mais adiante veremos a forma concreta de viver este apostolado.

Mas haverá ainda um novo campo de apostolado um tanto ou quanto diferente dos anteriores. Já não se trata de orar e sacrificar-se pelos pecadores, pelos sacerdotes ou as missões, agora este apostolado implica participar pessoalmente na falta de fé, escuridão da dúvida, ou como ela diz: «sentar-se à mesa dos pecadores», um pouco como Jesus Cristo que se «fez pecado» por nós.

Até agora o seu trabalho tinha sido de intercessão mas, desde a Páscoa de 1896 até à sua morte, Jesus «permitiu que a minha alma fosse invadida pelas mais espessas trevas e que o pensamento do Céu, tão deleitoso para mim, não fosse senão motivo de combate e de angústia...» (C 5vº). Um pouco mais à frente, escreve um parágrafo que causa calafrios, e que, apesar de ser muito conhecido, cito inteiro pois nenhum comentário pode substituir a experiência por ela vivida: «Mas de repente, os nevoeiros que me rodeiam tornam-se mais densos, penetram-me na alma, e envolvem-na de tal maneira, que já não é possível encontrar nela a imagem tão aprazível da minha pátria. Tudo desapareceu! Quando quero repousar o meu coração fatigado das trevas que o envolvem, com a lembrança do país luminoso, pelo qual aspiro, o meu tormento redobra.

Parece-me que as trevas, servindo-se da voz dos pecadores, me dizem, fazendo troça de mim: – ‘Sonhas com a luz, com uma pátria inundada dos mais suaves perfumes..., sonhas com a posse eterna do Criador de todas estas maravilhas..., pensas sair um dia dos nevoeiros que te rodeiam... Continua! Continua! Alegra-te com a morte, que te dará não o que tu esperas, mas uma noite mais profunda ainda, a noite do nada’.

Caríssima Madre, a imagem que vos quis dar das trevas que obscurecem a minha alma é tão imperfeita como um esboço comparado com o modelo. No entanto, não quero escrever mais sobre isso; temeria blasfemar. Até receio ter dito demais...» (C 6v^o-7r^o).

É muito diferente orar pela conversão dum assassino, reparar e interceder por um sacerdote, ou sofrer por um missionário, de ter a experiência da incredulidade, ver-se submergida na noite da fé, sentir-se tão abandonada até ao ponto de ter medo de blasfemar ao manifestar os seus sentimentos.

Foi este o horizonte eclesial no qual Teresinha realizou o seu apostolado. Vejamos agora a forma concreta de o realizar.

Teresa tinha bem clara a vocação carmelitana: «Aos pés de Jesus-Hóstia, no exame que precedeu a minha profissão, declarei: –‘Vim para salvar as almas e, especialmente, para rezar pelos sacerdotes’» (A 69v^o). Ela compreende que «as obras deslumbrantes são-lhe interditas». Não pode pregar o Evangelho, nem derramar o seu sangue... Mas que importa? Os seus irmãos trabalham em vez dela, e ela, criancinha, fica pertinho do trono do Rei e da Rainha; ama pelos seus irmãos que combatem... (cf. B 4r^o). Nesta parábola, a criancinha representa a própria Teresa; ela explica a mesma parábola numa carta dirigida à Irmã Maria de S. José: «Ah! como a vocação da Criancinha é bela! Não é uma missão que tem de evangelizar, mas todas as missões. Como?... Amando, dormindo, atirando flores a Jesus quando ele dormita... e (Ele) fá-las-á voar sobre todas as paragens e salvará as almas, com as flores, com o amor da filhinha que nada verá mas sorrirá sempre, mesmo através das lágrimas... Uma criança, missionário e soldado, que maravilha!» (CT 194). Portanto, a fonte de todo o apostolado contemplativo é o AMOR; e, segundo ela, «uma alma abrasada de amor não pode ficar inactiva» (C 36r^o).

Teresa sabe muito bem como trabalha um contemplativo. «Ah! a oração e o sacrifício constituem toda a minha força; são as armas invencí-

veis que Jesus me deu. Podem, muito melhor que as palavras, tocar as almas. Fiz muitíssimas vezes essa experiência» (C 24v^o). No seu caso pessoal, Deus pediu-lhe outra forma de realizar o seu apostolado: «É, sem dúvida, pela oração e pelo sacrifício que se podem ajudar os missionários; mas, às vezes, quando é do agrado de Jesus, unir duas almas para sua glória, permite que, de tempos a tempos, possam comunicar uma à outra os seus pensamentos e estimular-se a amar mais a Deus» (C 32r^o). No entanto, ela sabe muito bem que este não é o meio habitual para uma carmelita, por isso reflecte: «Quanto a mim..., sinto que é preciso, para que as minhas cartas façam bem, que sejam escritas por obediência, e que experimente antes repugnância do que gosto em as escrever» (C 32v^o). Mais uma vez aparece aqui a autêntica filha de Teresa de Jesus que havia lembrado no *Caminho de Perfeição* que o ir ao locutório não deve constituir um prazer mas um sacrifício. Mas não são apenas as palavras que ajudam aos seus irmãos espirituais. Ela é audaz e generosa, e, porque nada reserva para si, escreve: «Eis como me uni espiritualmente aos apóstolos que Jesus me deu como irmãos: tudo o que me pertence, pertence a cada um deles, estou certa que o bom Deus é bom demais para fazer partilhas. Ele é tão rico que dá sem medida tudo o que Lhe peço...» (C 33v^o). E se com eles reparte as graças que vai recebendo de Deus, também lhes explica por carta a sua doutrina e os vai fazendo entrar no seu pequeno caminho da infância espiritual feito de abandono, de pequenez.

Ao P. Bellière confessa: «Ah! meu querido Irmãozinho, desde que me foi dado compreender também o amor do Coração de Jesus, confesso que ele afastou do meu coração todo o temor. A lembrança das minhas faltas humilha-me, leva-me a nunca me apoiar na minha força que só é fraqueza, mas esta lembrança fala-me ainda mais de misericórdia e amor. Quando lançamos as nossas faltas com uma confiança inteiramente filial no braseiro devorador do Amor, como não seriam elas consumidas para sempre?» (CT 247). Falando sobre a justiça de Deus, escreve ao P. Roulland: «Ser justo, não é somente exercer a severidade para castigar os culpados, é também reconhecer as intenções rectas e recompensar a virtude. Espero tanto da justiça de Deus como da sua misericórdia» (CT 226).

Como podemos ver, as suas cartas realizaram um verdadeiro magistério nestes missionários, contudo não foram eles os únicos a beneficiarem desta correspondência. Algumas cartas dirigidas a Celina e à sua prima Maria são uma verdadeira direcção espiritual. Cito apenas um parágrafo duma carta à sua prima, animando-a a comungar apesar

dos escrúpulos: «Ó minha querida, pensa que Jesus está no tabernáculo expressamente para ti, para ti só, arde com o desejo de entrar no teu coração...; não oiças o demónio, zomba dele e vai sem receio receber o Jesus da paz e do amor!... Irmãzinha querida, comunga muitas vezes, muitas vezes... É esse o único remédio se queres curar-te, não foi sem razão que Jesus pôs essa atracção na sua alma» (CT 92). Tenha-se presente que Teresa quando escreveu isto tinha apenas 16 anos!

Ela tem ainda outra forma de ajudar os missionários e toda a humanidade em geral: é o oferecimento dos seus mais pequenos actos. Ela não desperdiça nada. «Estou convencida da inutilidade dos remédios para me curar; mas fiz um acordo com Deus, para que faça aproveitar com eles os pobres missionários doentes, que não têm tempo nem meios para se tratarem. Peço-lhe que, pelos medicamentos e pelo repouso a que me obrigam, os cure a eles em vez de me curar a mim» (UCR 25-26.05.1897).

Uma vez mais ela demonstra o que entende por apostolado contemplativo: «Façamos da nossa vida um sacrifício contínuo, um martírio de amor, para consolar Jesus, Ele só quer um olhar, um suspiro, mas um olhar e um suspiro que sejam só para Ele! Que todos os instantes da nossa vida sejam só para Ele, que as criaturas não nos rocem senão de passagem...» (CT 96). Numa carta à sua prima Joana, diz-lhe: «... para uma carmelita lembrar-se, e principalmente amar, é rezar. As minhas pobres orações certamente não valem muito mas ainda assim espero que Jesus as oiça e que em vez de olhar para aquela que lhas dirige pouse os seus olhos naqueles que são o objecto das mesmas, e assim será obrigado a satisfazer todos os meus pedidos» (CT 131). Teresa centra tudo à volta de Jesus. Não é o sacrifício enquanto tal o que tem valor, mas o amor que este manifesta a Jesus. Não é a oração, a nossa oração, que obtém as graças para os outros, é a confiança de que Jesus actua naqueles por quem oramos.

Mas um texto chave sobre este tema é o seguinte: «A nossa vocação não é ir ceifar nos campos de trigo maduro... A nossa missão é ainda mais sublime. Eis as palavras de Jesus: 'Levantai os olhos e vede'. Vede como no meu Céu há lugares vazios, cabe a vós enchê-los, vós sois os meus Moisés a orar no cimo da montanha, pedi-Me operários e enviá-los-ei, só espero uma prece, um suspiro do vosso coração!...»

O apostolado da oração não é, por assim dizer, mais elevado do que o da palavra? A nossa missão como Carmelitas é formar operários evangélicos que salvem milhões de almas das quais nós seremos as

mães!...» (CT 135). Esta apologia da vida contemplativa é dirigida à sua irmã Celina, antes desta entrar para o Carmelo.

Teresa também teve que realizar um apostolado dentro da comunidade, uma missão concreta como foi a de Mestra de noviças, embora sem nunca ter tal título. Tudo quanto escreveu sobre este tema é de suma importância; por isso, como tenho feito até agora, mais do que fazer comentários prefiro que seja ela a falar-nos. Esta missão, encomendada pela Madre Inês e mais tarde confirmada pela Madre Gonzaga, foi um dos «areópagos» em que aconteceu o que diz a VC: «O seu Mestre interior é o Espírito Santo, que penetra as profundidades mais recônditas do coração de cada homem e conhece o dinamismo secreto da história». Esta frase do nº 96 descreve a acção do Espírito Santo em Teresinha. Comentando o seu ofício de Mestra diz à Madre Gonzaga: «Aprendi muito ao cumprir a missão que me confiastes, e, sobretudo, vi-me obrigada a praticar o que ensinava às outras» (C 19rº). Ela tinha consciência de ser apenas um instrumento de Deus, porque Ele «tem já o direito de se servir de uma das suas criaturas para dispensar às almas que ama o alimento que lhes é necessário» (C 20rº). Por isso considera-se um «pincelzinho» que Jesus escolheu para pintar a sua imagem nas almas que lhe foram confiadas. Descreve com enorme realismo a sua experiência de pequenez e impotência: «Quando me foi dado penetrar no santuário das almas, vi imediatamente que a tarefa era superior às minhas forças. Então coloquei-me nos braços de Deus como uma criancinha e, escondendo o rosto nos seus cabelos, disse-Lhe: ‘Senhor, sou pequena demais para alimentar as vossas filhas; se quereis dar-lhes o que convém a cada uma através de mim, enchei a minha mãozinha e, sem deixar os vossos braços, sem virar a cabeça, darei os vossos tesouros à alma que vier pedir-me alimento... Desde que compreendi ser-me impossível fazer por mim mesma fosse o que fosse, a tarefa que me impusestes deixou de me parecer difícil. Compreendi que a única coisa necessária era unir-me cada vez mais a Jesus e que o resto me seria dado por acréscimo» (C 22rº-22vº). Esta descrição, que foi a maneira como exerceu o seu ofício e a direcção espiritual que dispensava a cada noviça, demonstra a qualidade de Mestra de noviças que o Carmelo de Lisieux teve nesta jovem de 23-24 anos. A sua experiência nunca perderá a actualidade, pois ela demonstrou ser uma verdadeira mistagoga. Algumas das suas noviças mostraram ser avantajadas discípulas de tal mestra. Mas, qual o segredo do seu êxito? O abandono total nas mãos de Deus e a sua total identificação com o único Mestre, Jesus. Cumpru-se

nela, pois, o que diz a Exortação no nº 66: «Os formadores e formadoras devem ser especialistas no caminho da procura de Deus, para serem capazes de acompanhar também outros neste itinerário».

Como vemos, Teresa prestou capazmente esse «servitium caritatis» que o Papa pede a todos os religiosos e religiosas. Ela, desde o seu Carmelo de Lisieux, pôde realizar todas as vocações com que sonhou porque se situou no coração da Igreja, sendo o AMOR. Quem compreender as imensas possibilidades do apostolado que a vida contemplativa tem, poderá duvidar da sua necessidade no mundo contemporâneo? É evidente que, como contemplativa, faço a mim mesma esta pergunta: os que fomos eleitos para esta sublime vocação, estaremos a viver como viveu Santa Teresinha? Somos deveras testemunhos vivos do valor da nossa vocação, ou estaremos defraudando a Igreja e o mundo? A mesma pergunta se pode colocar à vida apostólica: somos, os religiosos, o que devemos ser?

O nº 84 fala sobre *O profetismo da vida consagrada*. Se o profetismo é inerente à vida consagrada enquanto tal devido ao seguimento radical de Jesus e à consequente entrega à missão que a caracteriza; se Elias nos é apresentado como modelo porque vivia na presença de Deus e contemplava, em silêncio, a sua passagem, intercedia pelo povo e proclamava com valentia a sua vontade...; não poderemos afirmar que Teresa é uma verdadeira profetisa? Já vimos o seu radical seguimento de Cristo, a sua entrega à missão própria da vida contemplativa, a sua permanente união com Deus e a sua coragem em proclamar a Sua vontade. Juntemos-lhe agora uma nota característica de Teresa: a descoberta de um caminho totalmente novo: o retorno ao Evangelho, a ruptura com o jansenismo reinante na França dos fins do século XIX e a revolução que ela causou na teologia espiritual.

Teresa deve ser contada entre os grandes profetas modernos, porque foi capaz de questionar e responder a uma tradição espiritual desfazendo-se valentemente de métodos, devoções, penitências que fomentavam o temor, a acumulação de méritos, o ser vítimas da justiça de Deus para lançar todos os seus seguidores pelos caminhos do amor, da pequenez, do abandono e confiança. Podemos afirmar que toda a obra e vida de Teresa foram contestatórias e que hoje continuam a ter a mesma força, juventude e atracção.

Teresa deu testemunho da primazia de Deus, da vida fraterna, da fidelidade ao próprio carisma e da total coerência entre a palavra e a vida.

Profetismo que a vida contemplativa continua a ter devido à radicalidade da entrega e dos meios que favorecem a experiência contemplativa.

A *VC* apresenta os conselhos evangélicos como o acontecimento profético mais significativo da vida consagrada e lembra que «a opção por estes conselhos, longe de constituir um empobrecimento de valores autenticamente humanos, revela-se antes como uma transfiguração dos mesmos» (nº 87). Teresa não faz um estudo dos votos, não teoriza a seu respeito, simplesmente expressa, através dos seus escritos, a forma como os viveu. Seria extremamente longo escolher várias citações sobre cada voto. Limitar-me-ei a alguns, poucos, que considero muito significativos.

Em nenhum lado dos seus escritos menciona directamente o voto de castidade, mas fala da grandeza da virgindade que é muito mais significativo: «Ah! que grande graça ser virgem, ser esposa de Jesus» (*CT* 130). Porque a virgindade tem essa dimensão esponsal, só pode ser fruto de um amor indiviso: «Ó meu Bem-amado! esta graça não era senão o prelúdio de graças maiores de que me querias cumular. Deixa-me, meu único Amor, que tas recorde hoje... hoje, no sexto aniversário da nossa união» (*B* 2vº). Mas esse amor sendo indiviso, por ser virginal, não se fecha em si mesmo: «Vejo com alegria que, amando-O, o coração se dilata, e que pode dar incomparavelmente mais ternura àqueles que lhe são queridos, do que se se tivesse concentrado num amor egoísta e infrutífero» (*C* 22rº). Ideia confirmada pela Exortação: «Sim, em Cristo é possível amar a Deus com todo o coração, pondo-O acima de qualquer outro amor, e amar assim, com a liberdade de Deus, toda a criatura! (nº 88). O mesmo número da Exortação faz uma outra afirmação que me parece ser uma excelente descrição de Teresa e muito oportuna para este Ano Centenário: «É preciso que a vida consagrada apresente ao mundo de hoje exemplos de uma castidade vivida por homens e mulheres que demonstram equilíbrio, domínio de si, espírito de iniciativa, maturidade psicológica e afectiva».

Quanto ao voto de pobreza, a Exortação tem um texto muito apropriado: «Páginas igualmente significativas foram e continuam a ser ainda escritas por muitas outras pessoas consagradas, que vivem em plenitude a sua vida ‘escondida com Cristo em Deus’ pela salvação do mundo, sob o lema da gratuidade, do investimento da própria vida em causas pouco reconhecidas e menos ainda aplaudidas» (nº 90). Certamente que uma dessas causas «menos aplaudidas» é precisamente a vida oculta

e aparentemente inútil, segundo os parâmetros do mundo, de quem abraçou a vida contemplativa canónica.

Teresa não viveu a pobreza preocupada com a sua dimensão socio-económica, como pode estar a acontecer hoje; para ela, a pobreza era uma atitude de gratuidade, uma ajuda para se desvencilhar de tudo o que não era Deus e uma consequência lógica da sua compreensão do Evangelho; por isso, existe uma unidade profunda entre a prática do voto de pobreza e a teologia da infância espiritual.

Diz-nos Teresinha: «Os bens da terra, renunciei a eles pelo voto de pobreza, portanto, não tenho o direito de me queixar, se me tiram uma coisa que não me pertence; pelo contrário, devo alegrar-me quando me acontece experimentar a pobreza» (C 16r^o)... «e, se levam uma coisa do meu uso, não devo mostrar que o lamento, mas pelo contrário, parecer contente por me ver livre dela» (C 17r^o). Diante duma atitude destas é fácil compreender que Teresa tenha aprofundado tanto o sentido da pequenez, vazio, impotência...; quer isto dizer que a pobreza espiritual é a base do caminho da infância espiritual.

Ao falar da obediência, exclama: «De quantas inquietações nos livramos ao fazer o voto de obediência! Como as simples religiosas são felizes! Sendo a vontade dos superiores a sua única bússula, estão sempre seguras de estarem no caminho recto e não têm que recear enganar-se, mesmo que lhes pareça evidente que os superiores se enganam. Mas quando se deixa de olhar para a bússula infalível, quando uma pessoa se afasta do caminho que ela manda seguir, sob o pretexto de fazer a vontade de Deus que não ilumina bem os que, apesar disso, estão no seu lugar, depressa a alma se transvia nos caminhos áridos, onde logo lhe falta a água da graça» (C 11r^o). Algo parecido também nos diz o n.º 92 da Exortação: «quem obedece tem a garantia de estar verdadeiramente em missão no seguimento do Senhor, e não ao sabor dos desejos pessoais ou das próprias aspirações». E Teresa acrescenta: «Quanto desejo aplicar-me a fazer sempre com o maior abandono a vontade de Deus!» (A 84v^o).

Não podemos duvidar de que Teresa viveu no seu tempo estes desafios dos conselhos evangélicos e que o seu testemunho, num princípio limitado ao estreito âmbito do Carmelo de Lisieux, depressa se foi espalhando através da publicação dos seus *Manuscritos* chegando até aos nossos dias como uma mensagem cheia de frescura e vigor. Pelo facto de não ter teorizado, mas simplesmente haver comunicado a sua

vivência, creio que lhe dá mais actualidade e validade e confirma-nos que «os conselhos evangélicos não hão-de ser considerados como uma negação dos valores inerentes à sexualidade, ao legítimo desejo de usufruir de bens materiais, e de decidir autonomamente sobre si próprio» (VC, nº 87). Por sua vez, Teresa não faz finca-pé no negativo de cada voto, mas no positivo.

Num último ponto quero comentar o nº 94 da Exortação que fala de *À escuta da Palavra de Deus*. Parece-me ser, nesta releitura que fizemos da VC à luz de Santa Teresinha, um tema muito importante dentro do contexto monástico em que se desenvolve a nossa vida de carmelitas descalças. Diz a Exortação: «A Palavra de Deus é a primeira fonte de toda a vida espiritual cristã. Ela sustenta um relacionamento pessoal com o Deus vivo e com a sua vontade salvífica e santificadora. Por isso é que a *lectio divina*, desde o nascimento dos Institutos de Vida Consagrada, de modo particular no monaquismo, foi tida na mais alta consideração... Da sua convivência com a Palavra de Deus, obtiveram a luz necessária para aquele discernimento individual e comunitário que os ajudou a procurar, nos sinais dos tempos, os caminhos do Senhor».

Sempre eu me pergunto: que teriam feito Santa Teresa, Santa Teresinha, Beata Isabel da Trindade com uma Bíblia completa, escrita em língua vernácula e para uso pessoal, como temos hoje? Se com os escassos meios que elas tiveram, conseguiram tal aprofundamento da Sagrada Escritura, como teria sido agora? No caso de Teresinha, é impressionante constatar que só teve acesso ao Novo Testamento depois da sua entrada no Carmelo e que os fragmentos do Antigo Testamento que conheceu em francês, graças a uma cópia feita por Celina, foram fonte de inspiração para a iluminação bíblica da sua doutrina espiritual.

Quatro meses antes de morrer, afirmava: «Pela minha parte, já não encontro nada nos livros, excepto no Evangelho. Basta-me esse livro» (UCR 15.05.1897). Através do Evangelho entra numa relação viva com Jesus: «Basta-me lançar o olhar para o santo Evangelho, e logo respiro os perfumes da vida de Jesus...» (C 36vº). Para ela a Sagrada Escritura foi o apoio da sua oração e a inspiração da sua doutrina espiritual.

No que se refere à sua oração, caracterizada como árida e difícil, assegura-nos: «Nesta impotência, a Sagrada Escritura e a Imitação de Cristo vêm em meu auxílio. Encontro nelas um alimento sólido e muito puro. Mas é sobretudo o Evangelho que me vale durante as minhas orações. Nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre alminha.

Nele descubro sempre novas luzes, sentidos escondidos e misteriosos... Descubro luzes que ainda não tinha visto. Não é durante a oração que elas se me manifestam mais; a maior parte das vezes é no meio das ocupações do dia» (A 83v^o). Estes testemunhos confirmam-nos que Teresa ruminava, durante o dia, a Palavra, que era o grande meio que tinha ao seu dispor nesse ambiente interior de união com Jesus «que não tem necessidade nenhuma de livros nem de doutores para instruir as almas» (*ibid.*). A prova dessa assimilação progressiva do sentido da Sagrada Escritura está patente nas suas cartas escritas depois da sua entrada no Carmelo. Em Julho de 1888 começam a aparecer citações e comentários da Sagrada Escritura; mas é sobretudo a partir de 1892 que o número de citações aumenta consideravelmente; a profundidade dos seus comentários demonstra que Teresa se converteu numa especialista da *Lectio divina*. Há que notar, também, que algumas das suas poesias mais profundas como «*Jesus, meu Amado, lembra-te*» e «*Porque te amo, ó Maria*» são totalmente evangélicas.

Se a sua oração era alimentada quase exclusivamente pela Palavra de Deus, não nos devemos admirar que nela encontrasse a explicitação da sua doutrina e vocação. No *Ms B*, depois de ter falado dos seus insaciáveis desejos de ter todas as vocações, diz: «Como estes desejos constituíam para mim um verdadeiro martírio durante a oração, abri as epístolas de S. Paulo, a fim de procurar alguma resposta. Os meus olhos depararam com os capítulos 12 e 13 da *Primeira Epístola aos Coríntios...*» (B 3r^o). Nessa carta descobre a sua vocação ao Amor e o seu lugar no coração da Igreja.

Mas como viver esta «ciência do amor»? O *Cântico dos Cânticos*, os *Provérbios*, o *Livro da Sabedoria*, o profeta *Isaías* e os *Salmos* vão dar-lhe a resposta: esta ciência só se pode viver sendo pequeno, abandonando-se como «a criancinha que adormece sem medo nos braços do seu pai...» (B 1r^o). Mas falta precisar ainda qual o meio mais rápido para chegar à plenitude do amor, à santidade. É novamente a Sagrada Escritura que lhe dá a resposta: «quero procurar a maneira de ir para o Céu por um caminhito muito direito, muito curto; um caminhito completamente novo... Eu queria também encontrar um ascensor que me elevasse até Jesus, porque sou demasiado pequena para subir a rude escada da perfeição.

Então, procurei nos Livros sagrados a indicação do ascensor, objecto do meu desejo, e li estas palavras saídas da boca da Sabedoria eterna: 'Se alguém for pequenino, venha a mim'. Então aproximei-me,

adivinhandando que tinha encontrado o que procurava, e querendo saber, ó meu Deus!, o que faríeis ao pequenino que respondesse ao vosso apelo. Continuei as minhas buscas, e eis o que encontrei: – ‘Como uma mãe acaricia o seu filho, assim eu vos consolarei; levar-vos-ei ao colo e embalar-vos-ei nos meus joelhos’!

Ah! nunca palavras tão ternas e tão melodiosas me vieram alegrar a alma! O ascensor que me há-de elevar até ao Céu, são os vossos braços, ó Jesus! Para isso não tenho necessidade de crescer; pelo contrário, é preciso que eu permaneça pequena, e que me torne cada vez mais pequena» (C 3r°).

Não podemos duvidar da eficácia e da influência que a Sagrada Escritura teve em Teresa, pois vemos como foi ela a iluminar o seu caminho espiritual. Que seja para nós um exemplo a fim de que toda a nossa vida de união com Deus seja guiada pela Palavra.

Agora, a modo de síntese, cito um belo parágrafo da Exortação que, embora se refira a todos os consagrados, tem uma aplicação particular para os contemplativos: «O perfume de alto preço derramado como puro acto de amor, e, por conseguinte, fora de qualquer consideração ‘utilitarista’, é sinal de uma superabundância de gratuidade, como a que transparece numa vida gasta a amar e a servir o Senhor, a dedicar-se à sua Pessoa e ao seu Corpo Místico» (VC n° 104).

Duas palavras sobre a experiência de Deus vivida por Teresa é a melhor confirmação do parágrafo citado.

Como mística ela viveu intensamente a inabituação trinitária: «... sei por experiência, que ‘o reino de Deus está dentro de nós’» (A 83v°). Essa experiência da presença de Deus nela foi a fonte de todas as suas experiências espirituais, por exemplo a da acção que Jesus realizava nela: «Jesus não tem necessidade nenhuma de livros nem de doutores para instruir as almas. Ele, o Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras. Nunca O ouvi falar, mas sei que Ele está em mim. Ele guia-me e inspira-me a cada instante o que devo dizer ou fazer» (A 83v°). Jesus é o seu único Director que «não gosta de mostrar às almas tudo ao mesmo tempo. Ordinariamente dá a sua luz pouco a pouco» (A 74r°). Admira-se diante das maravilhas que o Senhor descobre aos olhos da sua alma e sabe que muitas vezes Jesus não lhe quer dar provisões. Alimenta-a a

cada instante com um manjar completamente novo que ela encontra em si mesma sem saber como nem de onde vem (cf. A 76r°).

Ainda que o pequeno caminho se caracterize pela ausência de fenómenos místicos, sabemos que Teresa teve fortes experiências como aquela que poderíamos denominar a «sua transverberação» que conta nos *Últimos Conselhos e Recordações*: «Estava a começar a Via-sacra, e de repente, fui tomada por um tão intenso amor a Deus que não o posso explicar senão dizendo que era como se me tivesse mergulhado completamente no fogo. Oh! que fogo e que suavidade ao mesmo tempo! Ardia em amor e sentia que um minuto, um segundo a mais, não teria podido aguentar este ardor sem morrer. Compreendi, então, o que dizem os santos destes estados que tantas vezes experimentaram...» (7.07.1897). «Desde os 14 anos, eu tinha igualmente ímpetos de amor; ah! como eu amava a Deus!» (*Ibid.*). Viveu também a experiência do «voo de espírito». Com certeza foi capaz de identificar estas graças místicas devido ao conhecimento que tinha de S. João da Cruz.

Finalmente, uma forte experiência mariana tida aos 17-18 anos, que descreve com estas palavras: «... havia como que um véu lançado para mim sobre todas as coisas da terra... Eu estava totalmente oculta sob o véu da Santíssima Virgem. Nesse tempo, tinham-me encarregado do refeitório e lembro-me de que fazia as coisas como se as não fizesse, como se me tivessem emprestado um corpo. Permaneci assim durante uma semana inteira» (*UCR*, 11.07.1897); nalguns dos seus poemas (12, 15 e 39) faz alusão a esta experiência.

Este trabalho acabou por resultar um pouco extenso, mas era impossível acabar a releitura de *VC* sem mencionar a experiência mística da Santa que é como o selo de autenticidade da sua vida consagrada e que nos recorda a obrigação de viver a nossa consagração tal como o Papa nos pede: «Vivei plenamente a vossa dedicação a Deus, para não deixar faltar a este mundo um raio da beleza divina que ilumine o caminho da existência humana. Os cristãos... têm necessidade de encontrar em vós corações puros que ‘vêem’ a Deus, pessoas dóceis à acção do Espírito Santo que caminham diligentes na fidelidade ao carisma da sua vocação e missão» (n° 109).

TERESA
DE LISIEUX

OBRAS
COMPLETAS

A OBRA DO CENTENÁRIO

EDIÇÕES CARMELO

